Nair Benedicto

Chuva, suor e ciência

Historiadores, psicólogos, etnomusicólogos e folcloristas investigam as várias facetas das folias carnavalescas e arriscam uns passinhos na avenida.

Pág. 12

Jornal da UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JAN.-FEV./98 - ANO XIII - Nº 121

MÚSICA

Manica Richier

Anna Agazzi: *La Boutique Fantasque*

Pianista do IA grava inédito de Rossini

PÁG. 11

SESSÃO CORUJA

A expansão dos cursos noturnos

PÁG. 3

FINANÇAS

Aprovada proposta orçamentária

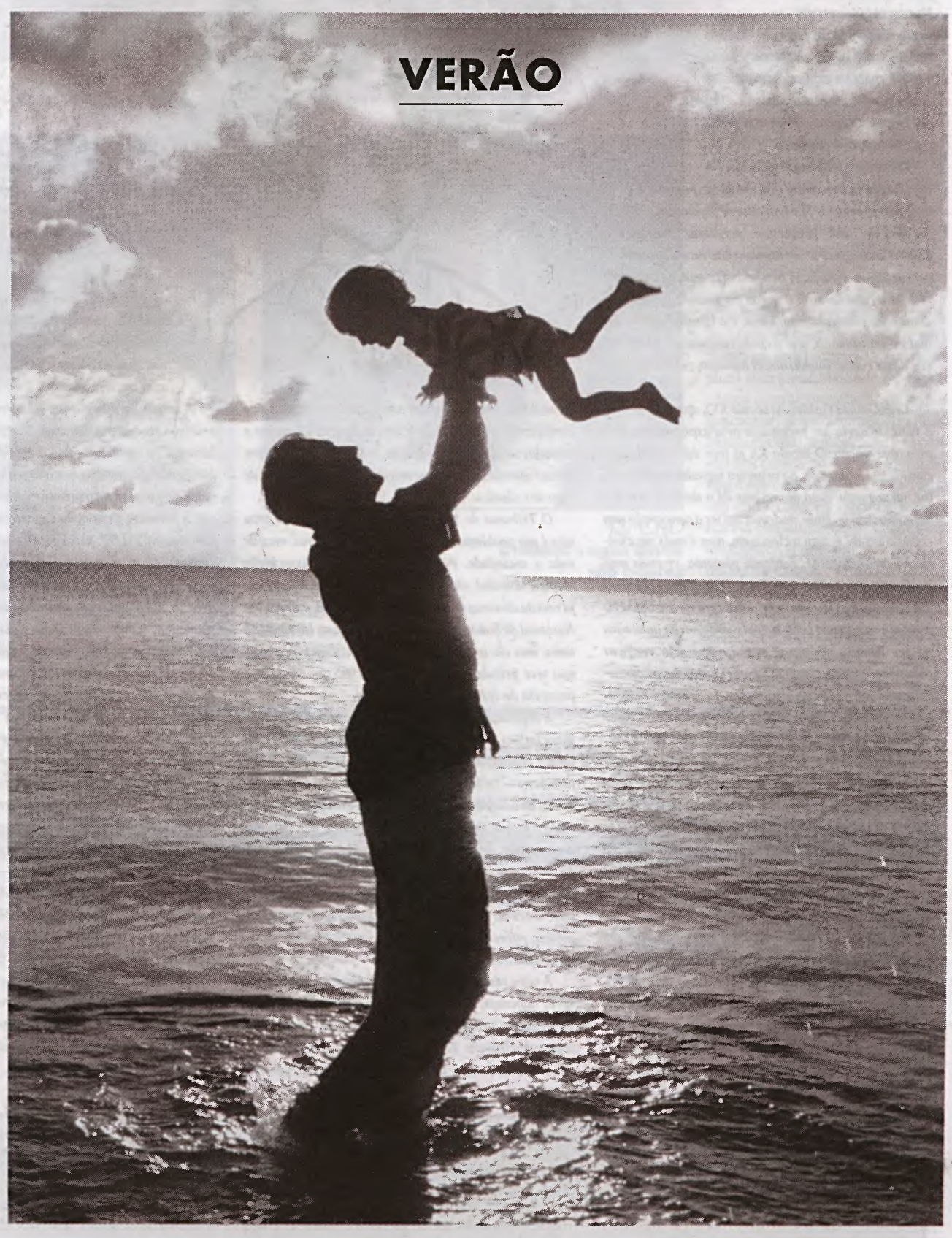
PÁG. 5

ACIDENTES

Prevenir, melhor que remediar.

PÁG. 5

VERÃO



Keystone

VÁ PELA SOMBRA

Nada menos que 400 doenças se escondem por trás do tão desejado "bronze" do verão. Págs. 6 e 7

Opinião

Os rumos da bioética

WILLIAM SAAD HOSSNE

Antes de qualquer discussão sobre bioética, é preciso entender o que distingue os seres humanos dos demais animais. Tanto eles como nós estamos inseridos na natureza, mas, enquanto os animais se identificam com ela, formando um todo integrado, o ser humano, diante dos fenômenos naturais, se interroga, fazendo perguntas e se angustiando perante a ausência de respostas. Essa angústia é reduzida com experimentos que buscam estabelecer verdades científicas. Se isso não é possível, cria-se uma teoria. Se esta não é satisfatória, são estabelecidas hipóteses. Outra opção é apelar para a semântica, criando-se novos nomes para identificar aquilo que ainda não se conhece. Nas sociedades primitivas, por exemplo, os poderes mágicos, as fábulas e os mitos forneciam explicações que acalmavam a angústia humana por respostas para as inúmeras questões sobre o cotidiano.

Portanto, a diferença humana em relação aos animais está em fazer perguntas e buscar respostas. E por isso ocorre a pesquisa. A palavra vem do latim perquerere, *perguntar. Portanto, o destino inexorável do ser humano está na elaboração de perguntas, ou seja, fazer pesquisa. Haverá, desse modo, respostas, que levarão a novas perguntas, gerando um avanço do conhecimento. Logo, é a ignorância que faz mal ao ser humano, não o conhecimento. E, na aplicação desse conhecimento ao ser humano, entra a questão ética.*

Com Galileu Galilei, no século XVI, aprendemos que a verdade devia ser procurada pela experimentação e pela observação. O século XX já teve duas revoluções científicas: a atômica, na primeira metade; e a malecular, na segunda. Esta última nos dá o domínio sobre a hereditariedade. Hoje, podemos até ter a concepção sem relação sexual e, com a clonagem, nem é mais necessário o espermatozóide. Estamos, portanto, vivendo uma avalanche de conhecimentos que cria dilemas éticos a todo mamento. Os cientistas produzem novos conhecimentos e estes, mais cedo ou mais tarde, serão aplicados ao ser humano. Torna-se então necessário verificar coma o ser humano pode se beneficiar dos novos conhecimentos sem que a sua dignidade seja aviltada. Estabelece-se assim uma questão ética.

Há, na entanto, algumas condições para que a prática da ética ocorra. Uma delas é a liberdade de poder discutir várias opções e equacioná-las. Não se pode entrar numa discussão ética com preconceito. Outro fator é a recusa a qualquer tipo de coação, sendo necessária a humildade de aceitar o ponto de vista alheio e de reformular o próprio. Portanto, a discussão ética passa a ser um excelente processo para a formação intelectual, individual e da própria cidadania.

Criada há 25 anos, a bioética tornou-se hoje um processo muito amplo que cuida dos aspectos éticos das ciências da vida e do meio ambiente numa visão multidisciplinar e transdisciplinar. Um de seus referenciais básicos reside na premissa de que o conhecimento científico não pode ser usado para prejudicar o ser humano. Outro ponto essencial é que o direito à vida deve ser considerado inalienável ao ser humano. Desse modo, o princípio da autonomia estabelece que nenhum ser humano pode passar por algum diagnóstico ou terapêutica sem dar sua autorização para que isso aconteça. O princípio da autonomia do paciente também inclui que o médico não pode transferir decisões para o paciente, mas sim discutir com ele o que será feito. Isso inclui crianças ou idosos, mesmo que estes, juridicamente, não tenham autonomia plena.

Infelizmente, normas éticas sobre a pesquisa com seres humanos só surgiram, em 1947, após o julgamento de Nuremberg, quando se tornaram públicas as violências cometidas nos campos de concentração. Prisioneiros eram submetidos à inoculação do protozoário

Mariza Dias Costa

da malária. Também eram submetidos a câmaras de compressão, para que a resistência do corpo humano a elevadas alturas fosse avaliada, já que se almejava que pilotos alemães voassem acima do alcance das armas de fogo dos aliados.

O Tribunal de Nuremberg comprovou que a ética não é um problema apenas dos pesquisadores, mas de toda a sociedade. Por isso, em 1974, a Associação Médica Mundial elaborou a Declaração de Helsinque, já revista diversas vezes. No Brasil, em 1988, o Conselho Nacional de Saúde elaborou a Resolução nº 1/88 sobre o tema, mas ela se ateve mais à pesquisa com fármacos e não teve grande repercussão. Em 1995, foi iniciado o processo de revisão dessa resolução.

A Resolução nº 1/88 foi encaminhada para diversas associações no sentido de elaborar um novo texto com ampla participação da sociedade e não apenas dos 14 membros — teólogos, juristas, engenheiros e representantes de usuários — que receberam essa incumbência. Após o estudo da legislação de 20 países, de consultas à sociedade, de discussões na Sociedade Brasileira de Bioética e de audiências públicas, chegou-se à Resolução nº 196/96, de outubro de 1996, valendo lembrar que, antes do Brasil, apenas o Canadá realizara experiência parecida, mas não com a amplitude de debates da brasileira.

A nova resolução se aplica a qualquer pesquisa com seres humanos, não só na área médica ou individualmente, mas também nas ciências humanas, como psicologia e sociologia. Também se aplica a grupos e determina que seu texto deve ser revisto periodicamente. Qualquer pesquisa precisa seguir essas normas e, para isso, é estabelecida a criação de Comitês de Ética de Pesquisa em cada instituição. Estes, já previstos pela antiga Resolução, chegavam a 28, mas, após a nova, já são 150. Cada um deve ter, no mínimo, sete pessoas de ambos os sexos, sendo que não mais da metade dos integrantes pode ser da mesma área. Também é essencial a presença de, pelo menos, um representante dos usuários. Acima desses comitês locais, há a Comissão Nacional de Ética de Pesquisa, órgão de recurso que tem a função de organizar um banco de dados sobre a pesquisa com seres humanos.

Na Resolução nº 196/96, também fica claro que ninguém pode ser sujeito de uma pesquisa sem dar seu consentimento livre e esclarecido. Não basta apenas informar ao sujeito. É necessário esclarecê-lo do que será feito e de que ele tem todo o direito de se recusar a entrar no projeto de pesquisa se assim o desejar. Nesse sentido, é essencial que a pessoa não tenha compromisso com o pesquisador, para que se evitem casos de coação, possíveis, por exemplo, em indústrias farmacêuticas, sobre os funcionários. O mesmo ocorre com prisioneiros, alunos e idosos.

Um avanço em relação às legislações internacionais foi admitir que toda pesquisa envolve risco. Este não ocorre apenas na forma de dano físico, mas também pode ser psíquico, moral, cultural e espiritual, aplicando-se não só a indivíduos, mas também a coletividades, que não podem ser estigmatizadas nem agredidas, já que seus valores precisam ser respeitados.

A resolução admitiu que sete áreas seriam objeto de resolução complementar: reprodução humana, genética humana, pesquisa com novos medicamentos e vacinas, biossegurança, populações indígenas, pesquisas conduzidas do exterior e experimentos com novos equipamentos. A primeira Resolução Complementar, sobre fármacos, a de nº 251/97, já foi publicada. Enquanto não são elaboradas as outras, todos os projetos nessas áreas precisam passar pela comissão central, em Brasília. Na área de fármacos, com a mencionada Resolução Complementar, a autoridade passa a ser em nível local.

Já há mais de 1500 pessoas envolvidas em comissões de ética. O objetivo é que elas se espalhem pelas faculdades de Medicina, Odontologia, Direito, Filosofia e Sociologia, assim como nas redações dos jornais. Desse mado, poderá ser atingida uma grande meta: que a bioética seja lecionada no curso secundário, passo essencial para a conscientização de que se preocupar com a bioética é estar permanentemente voltado para a preservação da dignidade humana, objetivo absoluto que deve nortear todos os esforços da ética.

William Saad Hossne é professor aposentado da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu, e presidente da Sociedade Brasileira de Bioética. Foi coordenador do grupo de trabalho responsável pela Resolução nº196/96, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. O presente texto foi redigido a partir de exposição realizada em novembro passado no Instituto de Estudos Avançados da USP.

CARTAS

CALÇAS CURTAS

Além das minhas atividades na Galeria de Arte da Unicamp, desenvolvo também um trabalho de recuperação da tradição de histórias orais. Atualmente, pesquiso o assunto e trabalho com grupos de crianças e de idosos. Daí o meu interesse pela reportagem *A literatura de calças curtas*, publicada na edição de novembro, nº 119, do **Jornal da UNESP**. Gostaria de saber se a tese do professor José Nicolau Gregorin Filho, fonte da matéria, foi publicada em livro. Gostaria, ainda, se possível, de conseguir o endereço do pesquisador.
Malu Neves, Galeria de Arte da Unicamp, Campinas, SP.

A tese do professor Gregorin não foi publicada em livro. Escreva para Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara, Departamento de Lingüística. Rodovia Araraquara-Jaú, km 01. 14800 - 901. Araraquara, SP.

AGITA, SÃO PAULO.

A coordenação técnico-científica do programa *Agita São Paulo* agradece a matéria publicada no **Jornal da UNESP** de outubro passado, nº 118, *30 minutos que fazem a diferença*. Gostaríamos de ressaltar a importância deste tipo de colaboração para o pleno sucesso do programa.
Victor Keihan Rodrigues Matsudo, coordenador do Programa Agita São Paulo.

PLANO DE CARREIRA

Gostaria de cumprimentá-los pela reportagem *Revisão, em três meses*, publicada no **Jornal da UNESP** de novembro, nº 119, sobre o Plano de Carreira. Vocês expressaram todo o meu pensamento em poucas palavras.
Arif Cais, professor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas do câmpus de São José do Rio Preto.

ETOLOGIA

Admirador da obra do zoólogo austríaco Konrad Lorenz, gostaria de parabenizá-los pela excelente reportagem *Entre zurros e mugidos*, publicada na edição de novembro, nº 119, sobre a etologia. Parabéns, também, à UNESP, pela abrangência e profundidade com que se dedica a essa ciência de fundamental importância para a melhor compreensão do comportamento animal.
Sergio Amaury Barros, Universidade Federal do Espírito Santo

HOUSE ORGAN

O que era bom, ficou melhor. Eu, que já tinha o **Jornal da UNESP** em alta conta, passei a tomá-lo como modelo de *house organ*. A forma que vocês encontraram de tratar assuntos muitas vezes complexos de maneira clara e objetiva, e o tratamento gráfico dado às reportagens, é exemplar. Principalmente nas três últimas edições, de outubro, novembro e dezembro, esse trabalho está afinadíssimo com o que, imagino, sejam as necessidades da UNESP. Parabéns!
Regina Rodrigues, São Paulo, SP.

GRANDEZA

Parabenizo a toda a equipe do **Jornal da UNESP** pela grandeza do trabalho que vem realizando.
José Antônio dos Reis, diretor geral do câmpus de Belo Horizonte, Universidade do Estado de Minas Gerais.

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar
Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquara), Welingtom Dinelli (FO-Araraquara), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquara), José Roberto Ernandes (IQ-Araraquara), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Lehfeld (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), Júlio Cézar Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Alvanir de Figueiredo (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP
Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira, Oscar D'Ambrosio e Waltair Martão
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Monica Richter
Colaboraram nesta edição: Jefferson Pereira (texto); Baptistão, Mariza Dias Costa e Paulo Ziberman (ilustração) e Hélcio Toth e Noélia Ipê (fotografia)
Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 15.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

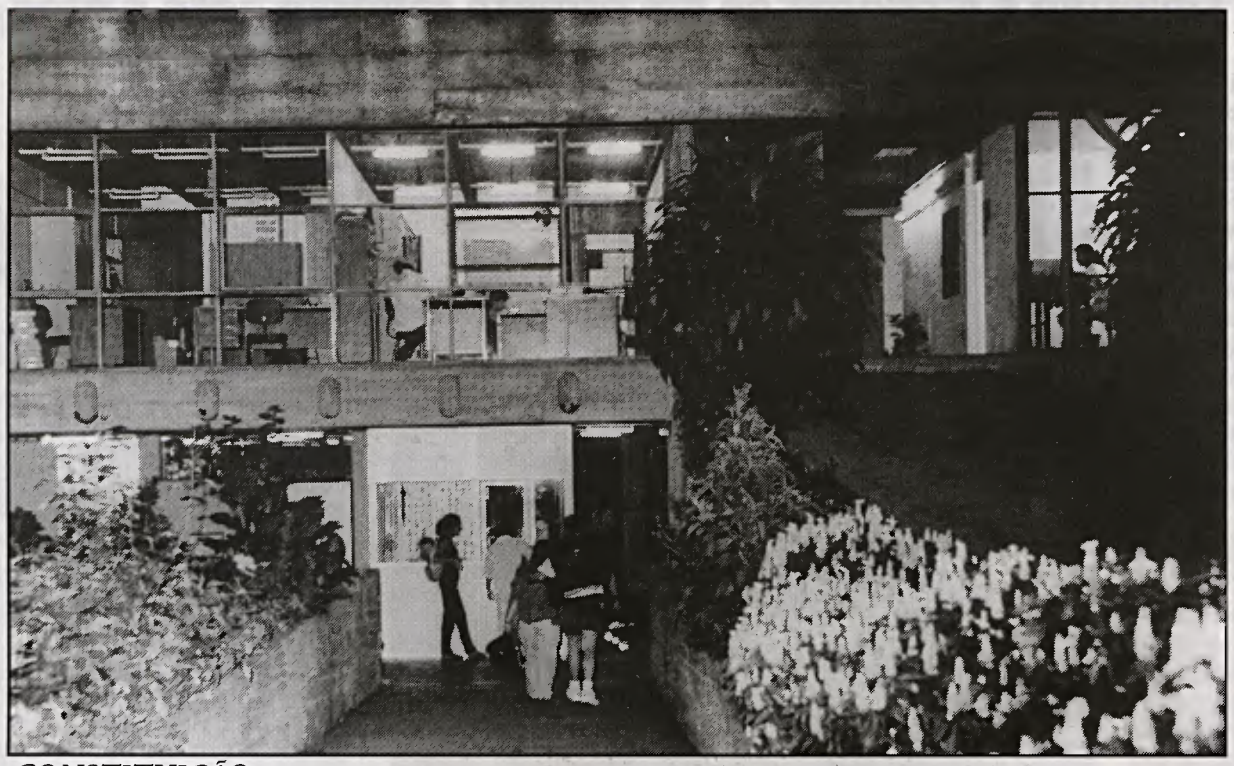
Jornada noite adentro

Aprovados critérios para a expansão de cursos noturnos

Não são poucas as pessoas no Brasil que, diante da necessidade de trabalhar ou de cuidar de filhos, têm que adiar ou mesmo cancelar o sonho de um curso superior numa universidade pública. Sensível à questão, e atendendo a uma determinação legal, a UNESP vem, nos últimos anos, ampliando sua grade de cursos noturnos. Já a partir de fevereiro, quatro novos cursos passarão a ser oferecidos à noite: Ciências Biológicas, nos Institutos de Biociências dos câmpus de Botucatu e Rio Claro, e Ciências da Computação e Geografia, no Instituto de Geografia e Ciências Exatas do câmpus de Rio Claro.

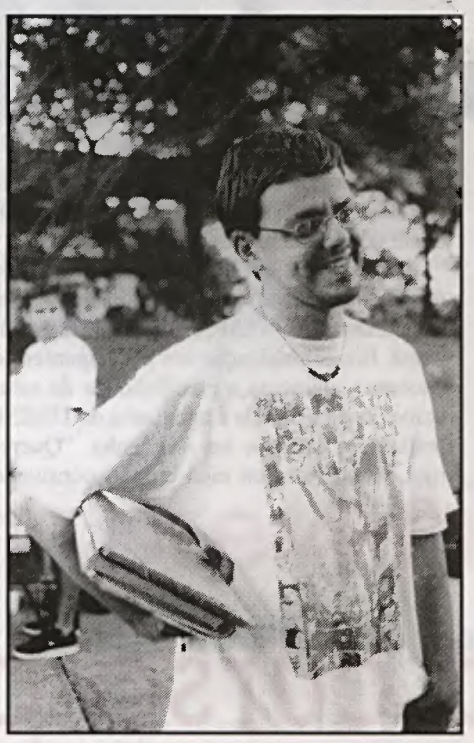
Além de prestar um serviço à comunidade, a Universidade busca, assim, atender o artigo 253 da Constituição do Estado de São Paulo, que obriga as universidades públicas a reservarem, no mínimo, um terço (33,3%) de suas vagas para o período noturno. Segundo a Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), a UNESP passa a contar, já computadas as vagas dos novos cursos, com 1 404 de suas 4 683 vagas, noturnas, chegando ao percentual de 28,87%, já bem próximo ao índice exigido por lei. (*veja quadro*). "É importante criar vagas, mas isso deve ocorrer sem casuísmos ou decisões contrárias à otimização de recursos e à democratização do ensino superior", diz a pedagoga Maria Aparecida Viggiani Bicudo, pró-reitora de Graduação.

A criação de novas vagas, porém, não é tarefa simples, pois envolve verba, recursos humanos e logística. Por isso, a Prograd formulou critérios, aprovados pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (Cepe), em novembro último, para a expansão dos cursos noturnos na UNESP. "Nosso desejo é, se possível, ultrapassar, até o final dessa gestão, os 33,33% previstos na Constituição Estadual", diz o vice-reitor Luiz Roberto de Toledo Ramalho, presidente do Cepe. "Mas isso precisa ser feito com critério, para que a qualidade do ensino não seja comprometida."



Fotos Monica Richter

CONSTITUIÇÃO
Artigo 253: um terço das vagas das universidades públicas no período noturno



CONCILIAÇÃO
Renato: emprego com estudo

OPÇÃO
Daniela: vagas ainda são poucas

PRIORIDADES

Os critérios tiveram como base estudos realizados pela própria Prograd, desde 1993, sobre evasão, licenciaturas e ensino noturno. "Uma dessas avaliações mostrou que o desempenho dos estudantes noturnos, ao contrário do que geralmente se pensa, é tão bom quanto o dos alunos do diurno", diz Maria Bicudo. Segundo a Prograd, deve ser priorizada a criação de cursos que já possuam correspondente no período integral ou diurno da unidade. "Isso evita a criação de cursos totalmente novos e levará a dispêndios reduzidos, já que não exigirá a contratação de pessoal", diz a pró-reitora.

Seguindo esse raciocínio, a criação de cursos novos só se dará no período noturno, dando-se prioridade aos câmpus e unidades universitárias em que eles ainda não existam (Araçatuba, Jaboticabal, São José dos Campos, São Paulo e Ilha Solteira). A área de atuação da unidade também deve ser respeitada para que a instalação de cursos noturnos possa ser feita aproveitando os recursos já existentes. "A tendência é acolher propostas que contemplem novas habilitações de uma família de ocupações já atendida pela Universidade", diz Maria Bicudo.

Além do desdobramento de período dos cursos diurnos já existentes na unidade e da possibilidade de serem acrescidas novas habilitações ou modalidades, existe ainda a alternativa de criação de novos cursos, respeitando-se o âmbito de atuação da unidade e a demanda social da região. "Outra possibilidade para aumentar o número de vagas e atender aos anseios dos vestibulandos é a transferência de cursos de reduzida procura do diurno para o noturno", explica a pró-reitora.

DEMANDA SOCIAL

De fato, entre os alunos dos cursos noturnos, a oportunidade de estudar à noite é muito valorizada. "Como sou casada e trabalho, não teria condições de estudar de dia. Só acho ainda pequeno o número de vagas destinado aos cursos noturnos", argumenta Daniela Cristie Boleto Bertonha, 23 anos, quartanista de Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara. "Se não houvesse curso noturno, não teria conseguido conciliar o emprego com o estudo", concorda Renato Alessandro dos Santos, 24 anos, formando em Letras também na FCL.

Para atender a essa demanda, a Prograd recomenda abrir vagas à noite para cursos socialmente valorizados. "São aqueles que apresentam uma elevada relação candidato-vaga, baixo índice de evasão e campo de trabalho atraente", esclarece Maria Bicudo. Outra opção é contemplar preferencialmente cursos ainda inexistentes na Universidade à noite, embora se desaconselhe a aprovação de propostas com menos de 30 vagas. "A tendência é que sejam criados cursos de licenciatura já bem contemplados na Universidade", avalia a pró-reitora.

De acordo com a Prograd, o principal é criar vagas e otimizar os recursos existentes. Assim, será possível reorganizar a estrutura atual sem a necessidade de elevar custos com a contratação de novos funcionários e docentes. Segundo Maria Bicudo, a meta para a expansão dos cursos noturnos na UNESP não é apenas atingir o 1/3 de vagas em cada câmpus para cumprir a norma constitucional. "O que mais desejamos é ampliar as oportunidades de estudos públicos gratuitos aos menos favorecidos e aproveitar satisfatoriamente o espaço ocioso da universidade pública", conclui a pró-reitora.

Sessão coruja

Cursos noturnos oferecidos pela UNESP em 1998

Cidade	Câmpus	Curso	Nº de vagas
Araraquara	FCL	Ciências Sociais	50 vagas
		Letras	40 vagas
		Pedagogia	40 vagas
	IQ	Química	30 vagas
Assis	FCL	História	40 vagas
		Letras	60 vagas
Bauru	FC	Ciências Biológicas	30 vagas
		Física	30 vagas
		Matemática	40 vagas
		Psicologia	30 vagas
		Sistemas de Informação	40 vagas
	FAAC	Com. Social/Jornalismo	50 vagas
		Com. Social/Relações Públicas	50 vagas
		Des. Industrial/Progr. Visual	30 vagas
		Des. Industrial/Projeto do Produto	30 vagas
		Educação Artística	30 vagas
Botucatu	IB	Ciências Biológicas	20 vagas (a partir de 1998)
Franca	FHDSS	Direito	50 vagas
		História	50 vagas
		Serviço Social	45 vagas
Guaratinguetá	FE	Física	40 vagas
Marília	FFC	Ciências Sociais	45 vagas
		Filosofia	30 vagas
		Pedagogia	80 vagas
Pres. Prudente	FCT	Educação Física	40 vagas
		Geografia	40 vagas
		Matemática	50 vagas
		Pedagogia	40 vagas
Rio Claro	IB	Ciências Biológicas	25 vagas (a partir de 1998)
		Pedagogia	40 vagas
	IGCE	Ciências da Computação	30 vagas (a partir de 1998)
		Geografia	40 vagas (a partir de 1998)
S. J. Rio Preto	IBILCE	Letras	34 vagas
		Matemática	45 vagas

Fonte: Fundação Vunesp, Manual do Candidato 1998

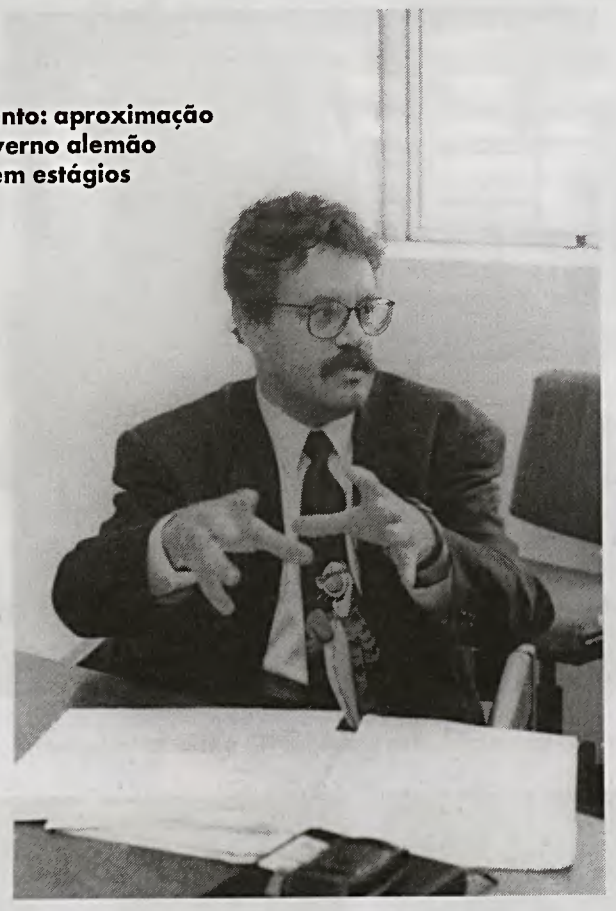
ENCONTRO

As Ciências Exatas em debate

Objetivo é a criação de um projeto coletivo para a área

Analisar os problemas e dificuldades dos cursos de Ciências Exatas para implementação de seus projetos pedagógicos e conhecer e discutir iniciativas locais para construir um projeto coletivo para a área. Esses foram os principais objetivos do III Encontro Setorial dos Cursos de Graduação da UNESP — Área de Ciências Exatas, realizado, em novembro último, em Águas de Lindóia. "O encontro foi um sucesso. Dos 51 participantes convidados, entre coordenadores de cursos de graduação e de estágio, professores de prática de ensino e presidentes de comissões de ensino, somente dois não puderam comparecer", avalia a pedagoga Maria Aparecida Viggiani Bicudo, pró-reitora de Graduação e integrante da comissão organizadora do evento.

Durante os dois dias do evento, três grupos de trabalho discutiram articulação curricular, evasão, reprovação e estágio, em três grupos de trabalho. "Avaliamos políticas que poderão reduzir a evasão sem diminuir o nível de qualidade de ensino", diz Maria Bicudo. A pró-reitora ressaltou ainda que as falhas de formação no segundo grau levam alunos despreparados a enfrentarem com dificuldade os primeiros anos dos cursos de Engenharia, Ciências da Computação, Estatística, Sistemas de Informação, Física, Matemática e Química.



ELOS
Nascimento: aproximação com Governo alemão resulta em estágios

Fotos Monica Richter

ARTICULAÇÃO
Maria Bicudo: combate à evasão sem comprometer qualidade

ATIVIDADES INTEGRADAS

Para Maria Bicudo, a principal medida para reduzir a evasão, que chega a 15% na área das Ciências Exatas, seria uma articulação curricular em que as atividades fossem integradas. "Evitaríamos, assim, tanto o distanciamento excessivo de conteúdos como sua sobreposição." A falta de maturidade dos alunos também contribuiria para a evasão. "Eles entram muito novos nos cursos universitários e, muitas vezes, não estão preparados para viver longe da família", avalia a pró-reitora. "Além de estudar, têm que aprender a morar sozinhos e a dividir, sem auxílio, seu tempo entre as aulas, o lazer, a alimentação e as tarefas domésticas."

Também houve debates quanto aos estágios supervisionados. "Perante a exigência, pela nova Lei de Diretrizes e Bases, do estágio obrigatório de 300 horas para os estágios supervisionados de bacharelados, precisamos estudar a melhor política de ação", diz Maria Bicudo, que ressalta a importância do estágio mesmo para os cursos em que ele não conta créditos. "É uma forma de inserção do estudante no mundo profissional."

Uma boa notícia foi divulgada pelo engenheiro Nazem Nascimento, da Faculdade de Engenharia da UNESP, câmpus de Guaratinguetá. Em comunicação aos participantes do encontro, anunciou a possibilidade de estudantes dos cursos de Engenharia da UNESP realizarem estágios na Alemanha. "Queremos intensificar os elos com o consulado alemão para que estudantes de outros cursos também viajem para a Alemanha", disse o professor. "As despesas com estadia e estudos correm por conta do governo alemão, mas a passagem é por conta do aluno", alerta Maria Bicudo. "Mas isso não impede que pessoas de menos recursos viajem. Se os professores avisarem, logo no primeiro ano, da possibilidade desse estágio no Exterior, os alunos podem poupar dinheiro desde o primeiro ano do curso", diz a pró-reitora.

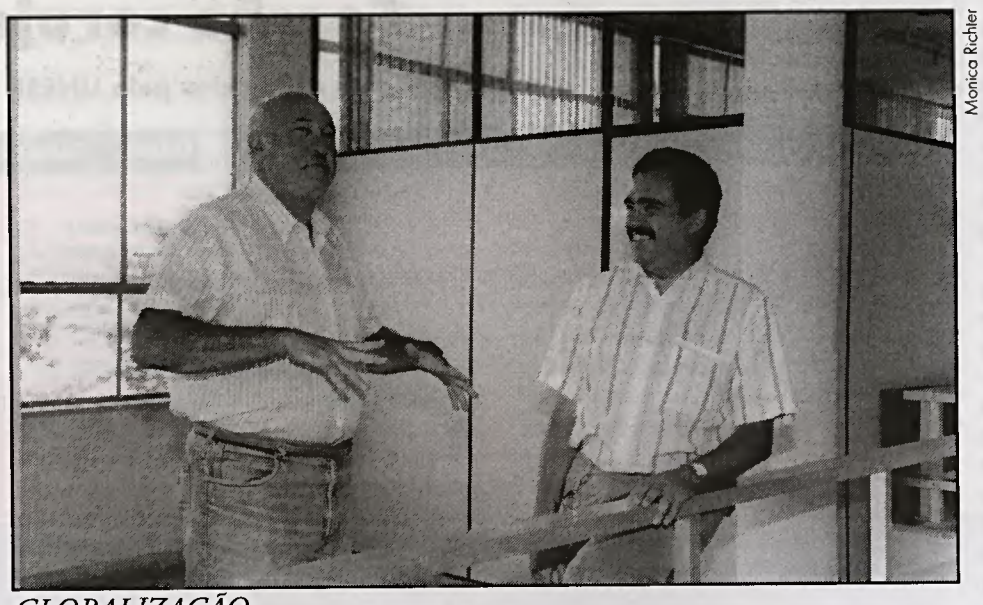
PÓS-GRADUAÇÃO

Engenharia cria curso pioneiro

Objetivo é o aperfeiçoamento de profissionais da área aeroespacial

Em um mundo cada vez mais globalizado e competitivo, o país que não investir em tecnologia de ponta corre o sério risco de perder o bonde da História, ficando à mercê de nações auto-suficientes. Se este conselho já vale para setores como a indústria de automóveis ou eletrodomésticos, imagine quando o assunto se refere a desenvolvimento aeroespacial. Exatamente por isso, a Agência Espacial Brasileira (AEB) está envolvendo no Programa Nacional de Atividades Espaciais diferentes segmentos da sociedade, como os setores acadêmico e industrial, além de órgãos de pesquisa. A UNESP está participando diretamente deste esforço conjunto por meio da Faculdade de Engenharia do câmpus de Guaratinguetá.

Sob a coordenação do professor Antonio Fernando Branco Costa, com a assessoria dos engenheiros Nelson Murcia e Ubirajara Rocha Ferreira, o Departamento de Produção da FEG elaborou o curso de especialização em Gestão, Normalização e Certificação com Ênfase na Atividade Espacial, que está sendo submetido aos órgãos colegiados da Universidade, para ser iniciado entre março e abril de 1998, com término em novembro. "Este é um curso pioneiro no Brasil", afirma Murcia. Com ele e a infra-estrutura que será montada, aliados ao acervo que temos na biblioteca, nossa faculdade se tornará um centro de referência no assunto, dando suporte e consultoria aos órgãos e indústrias envolvidas no Programa Espacial."



Monica Richter

GLOBALIZAÇÃO
Murcia e Costa: curso surgiu a partir das necessidades de mercado

GRADE CURRICULAR

Destinado a profissionais graduados em Ciências Exatas que atuem na indústria aeroespacial, o curso começou a ser desenvolvido em agosto e é uma especialização, em nível de pós-graduação *lato sensu*, com um total de 15 vagas oferecidas. A seleção será feita pela coordenação, a partir de entrevistas e análise de currículo. O curso é gratuito e terá 380 horas de duração. As aulas serão ministradas no próprio prédio do Departamento de Produção da FEG. A grade curricular está estruturada com 8 disciplinas obrigatórias, de 45 horas cada, além de palestras. Em cada bimestre serão oferecidas duas disciplinas, simultaneamente, priorizando a teoria nos dois primeiros bimestres e a prática, nos últimos. "Por meio de aulas, seminários, palestras e visitas técnicas a indústrias e instituições da área espacial, pretendemos trabalhar com o aluno vinculado ao seu próprio universo profissional, abordando assuntos como tecnologia espacial, normas, gestão empresarial e de projetos espaciais, entre outros temas que fazem parte de seu dia-a-dia", explica Costa.

O corpo docente do curso de Gestão, Normalização e Certificação com Ênfase na Atividade Espacial é formado por professores da FEG, profissionais da indústria aeroespacial e pesquisadores do Centro Técnico Aeroespacial (CTA) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), a serem contratados pela Fundunesp, no projeto UNESP-AEB, além de palestristas, brasileiros e estrangeiros, especialmente convidados. "Com a globalização, é essencial fabricar produtos de qualidade e que estejam de acordo com as normas e padrões internacionais. Principalmente em se tratando do setor aeroespacial. Por isso, o curso surgiu a partir da própria necessidade de mercado, com o objetivo de atender a uma área que está carente desse tipo de informação", revela Costa.

COLEGIADO

Comissão estuda regulamentação de Assembléia

Grupo deverá se reunir a cada quatro anos

A mesma reunião do Conselho Universitário que tratou do orçamento da Universidade também deliberou indicar uma comissão, formada por sete conselheiros, para estudar a regulamentação e constituição, nos próximos meses, de uma Assembléia Universitária. Esta assembléia teria, conforme previsto pelo Estatuto da UNESP, a finalidade de, reunindo-se a cada quatro anos, manifestar-se sobre as atividades desenvolvidas na Universidade e sobre as questões que, de algum modo, permeiem sua programação futura. A partir daí, seria elaborada uma série de moções a serem posteriormente submetidas à apreciação do Conselho Universitário. A comissão é formada pelos docentes Antonio Luiz de Andrade (FCT/Presidente Prudente), Carlota dos Reis Boto, Cláudio Gomide Souza e Milton Lahuerta (FCL/Araraquara) e João da Costa (FCA/Botucatu); pelo discente Alexandre Almeida de Abreu (FE/Guaratinguetá) e pelo funcionário técnico-administrativo Edmilson de Nola Sá (FCF/Araraquara).

ORÇAMENTO

Nova proposta, em março

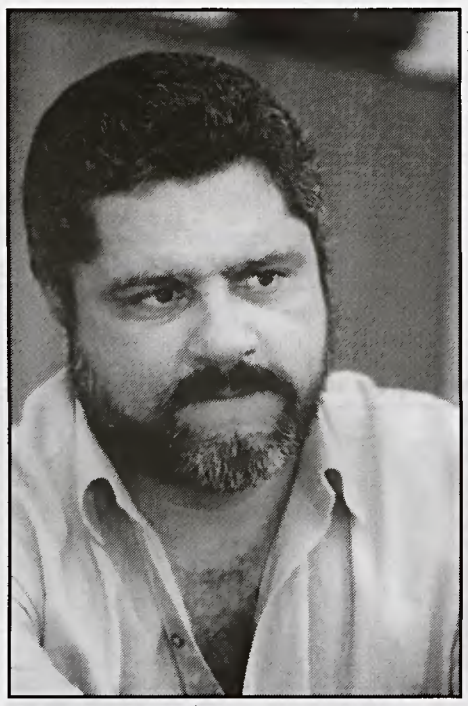
Conselho Universitário quer orçamento mais detalhado

Reunido no último dia 17 de dezembro, o Conselho Universitário (CO) aprovou o orçamento para 1998 acatando apenas como indicativo a proposta elaborada pelo Conselho de Administração e Desenvolvimento (Cade). Nos próximos três meses, a Reitoria, por meio de estudos a serem feitos pela Assessoria de Planejamento e Orçamento, vai elaborar uma outra proposta, mais detalhada, para ser submetida ao CO.

Pelo estatuto da UNESP, cabe ao Cade elaborar a proposta orçamentária, para análise e deliberação do CO. Por prever cortes tanto na dotação de recursos de setores fundamentais para o funcionamento da Universidade como no pagamento de atividades reguladas por legislação específica, a proposta do Cade foi vista como inadequada.

Para o próximo exercício, estariam previstos recursos no total de R$ 432.681.223,00, incluindo o repasse do ICMS e outras receitas (*veja quadro*). Pela proposta do Cade, esses recursos seriam utilizados basicamente para despesas de pessoal, de custeio, investimentos e saldo de dívidas e sentenças judiciárias. Dessa forma, estaria inviabilizada a concretização de importantes projetos e planos, alguns deles antigos, assumidos pela Reitoria. O novo orçamento seria inferior, por exemplo, ao total de despesas do ano passado (R$ 443,5 milhões), que deixou os cofres da UNESP com prejuízo de R$ 27,7 milhões. Assim, os planos de carreira, de obras e de gestão, o reajuste salarial e novos contratos de manutenção do parque computacional ficariam comprometidos.

Também fazem parte da lista a redução total do auxílio moradia concedido aos residentes de Medicina e Medicina Veterinária, o congelamento do vale refeição dos funcionários técnico-administrativos, a diminuição em 50% dos gastos com plantões médicos e veterinários e a redução de R$ 2,2 milhões das subvenções à Fundunesp (que passaria a receber R$ 235 mil) e de R$ 800 mil das verbas da Fundação Editora UNESP (que receberia R$ 96 mil).



Monica Richter

REAVALIAÇÃO
Gomide: soluções para o orçamento

Estes e outros dados foram apresentados aos membros do Conselho Universitário, que concluíram ser necessário um estudo mais aprofundado sobre as medidas a serem adotadas pela Universidade para que o orçamento possa contemplar os compromissos já assumidos e planos a serem implantados, sem, principalmente, colocar em risco o andamento das atividades-fim. "A comunidade espera que nós, dirigentes, encontremos as soluções para o orçamento, por isso vamos fazer uma reavaliação bastante cuidadosa de toda a proposta orçamentária", afirmou Cláudio Gomide de Souza, diretor da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do câmpus de Araraquara e autor da proposta para que o CO acatasse como indicativo a proposta do Cade. Estas soluções deverão ser apresentadas durante uma reunião do conselho em março.

Proposta de distribuição orçamentária do Cade para 1998

	Discriminação	Valores em R$
1	**Receita**	
1.1	Cota parte do ICMS	407.563.795
1.2	Transf. extra limite	2.096.000
1.3	Receita própria	22.337.418
1.4	Operação de crédito	684.010
	TOTAL GERAL	**432.681.223***
2	**Despesa**	
2.1	Pessoal e reflexos	361.250.000
2.2	Despesa de custeio	54.064.000
2.3	Investimento	9.500.000
2.4	Dívida + sent. judiciárias	7.867.223
	TOTAL GERAL	**432.681.223**

*Deste total consta uma previsão de receita própria de R$ 22,3 milhões, que pode não se concretizar

SEGURANÇA NO TRABALHO

Melhor prevenir que remediar

Comissão Interna de Prevenção de Acidentes inicia atividades

Pela primeira vez desde que foi criada a UNESP, está funcionando na Reitoria e unidades complementares (Instituto de Física Teórica - São Paulo; Instituto de Pesquisas Meteorológicas e Centro de Rádio e Televisão Cultural e Educativa - Bauru; Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos e Centro de Raízes Tropicais - Botucatu; Centro de Estudos Ambientais - Rio Claro; Centro de Aqüicultura - Jaboticabal; e Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista - São Vicente) uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA). A primeira CIPA da Reitoria e unidades complementares foi eleita nos dias 30 de setembro e 1° de outubro do ano passado e recebeu posse do reitor Antonio Manoel dos Santos no dia 15 de outubro.

Composta por 18 membros titulares e 18 suplentes, representando empregados e empregador, a CIPA tem por objetivo, além de outras atribuições, realizar levantamentos das causas dos acidentes, fazer campanhas para preveni-los e propor inspeção nas instalações e áreas do local de trabalho a fim de verificar as situações de risco. Ela foi criada em 1944 e faz parte da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). O que determina como deve funcionar a CIPA hoje é a Norma Regulamentadora n° 5, da Portaria 33 de 27 de outubro de 1983, que alterou a Portaria 3.214 de 8 de junho de 1978, ambas do Ministério do Trabalho.

Embora esteja orientada para funcionários celetistas e empresas, nada impede que uma universidade também tenha sua CIPA. "Independentemente do regime jurídico, o que importa é a prevenção de acidentes", diz

César Augusto Galdino, funcionário da Próreitoria de Administração e secretário da CIPA.

MAPA DE RISCOS

Cumprindo o que determina a legislação, a primeira CIPA da reitoria e unidades complementares vem realizando uma reunião por mês, além de cursos de treinamento. "Já tivemos o curso Prevenção de acidentes para componentes da CIPA, com 18 horas de duração, ministrado por técnicos do SENAI", conta Agenor Arcanjo Ribeiro, vice-presidente da CIPA e representante dos empregados. "Agora, teremos outros sobre primeiros-socorros e combate a incêndios."

A última reunião da CIPA aconteceu no dia 19 de dezembro, no Cepel, em São Vicente, e serviu para discutir a elaboração do Relatório de Riscos Ambientais. "Vamos fazer um trabalho, junto com a Secretaria do Trabalho do Estado, de detectação das condições ambientais dos prédios e instalações da Reitoria e das unidades complementares", informa Paulo Costa, presidente da CIPA, que é funcionário da Prograd e representante do empregador. "Vamos detectar, por exemplo, eventuais agentes químicos e pontos insalubres que existam nesses locais." Outra questão discutida na reunião é a elaboração de um mapa de riscos nos locais de trabalho. O objetivo é identificar *layouts* de salas inadequadas (mesas e computadores mal colocados, por exemplo), excesso de ligações numa mesma tomada elétrica e outros potenciais riscos de acidentes.

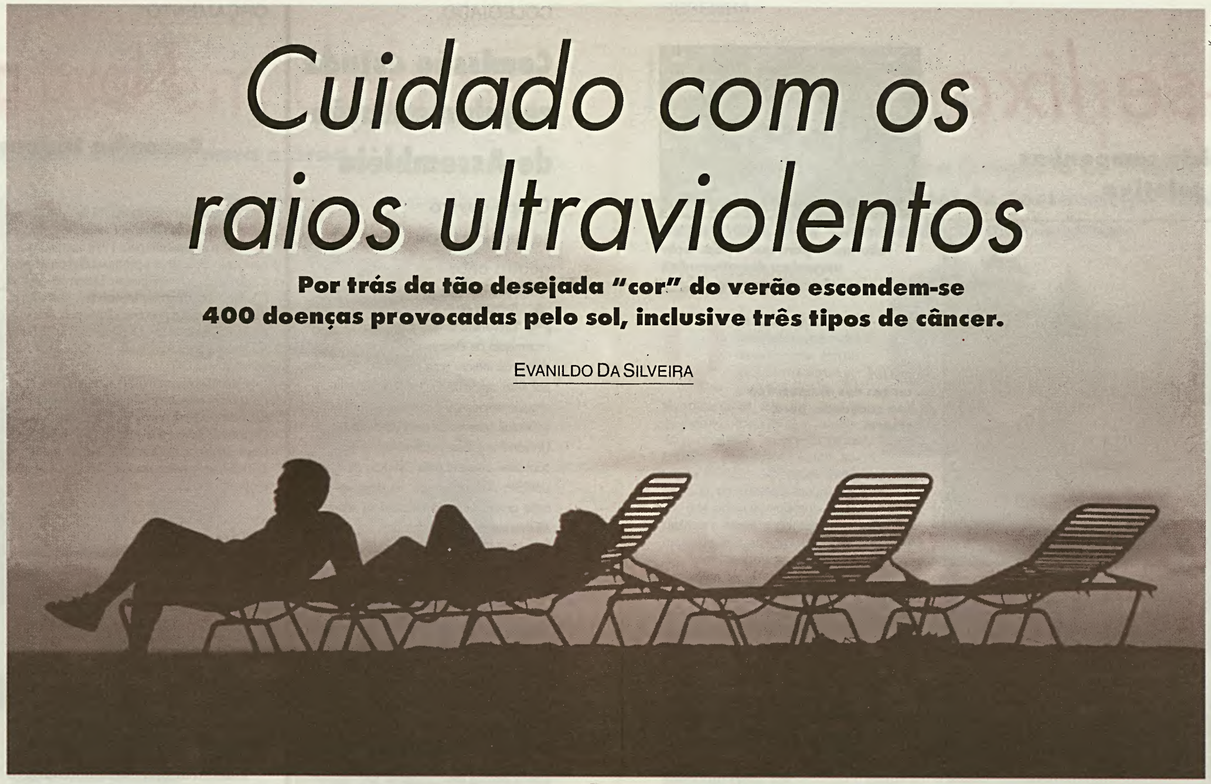
Embora não se discuta a importância de uma CIPA, há quem questione sua eficácia nos moldes que a legislação brasileira a regulamenta. "No Brasil, os membros da CIPA são eleitos para o período de um ano, podendo ser reeleitos apenas uma vez", explica Maria Cecília Pereira Binder, do Departamento de Saúde Pública e coordenadora da disciplina de Medicina do Trabalho, da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu. "Isso é para inglês ver. O cipeiro precisa ter treinamento para resolver os problemas de segurança no trabalho. Mas não é isso o que acontece. Os membros da CIPA não têm tempo disponível nem treinamento adequado. No Brasil, não se investe no cipeiro."

Maria Cecília vê agravantes no caso de uma universidade. "Nesse caso, não é como a linha de montagem de uma fábrica", diz. "A situação de trabalho numa universidade é muito mais complexa. Há laboratórios, onde uma série de produtos químicos são manipulados. Às vezes, dois produtos que podem reagir entre si e causar explosões estão armazenados lado a lado" exemplifica. "É, enfim, uma situação muito complicada, que exige pessoal altamente treinado."

Cuidado com os raios ultraviolentos

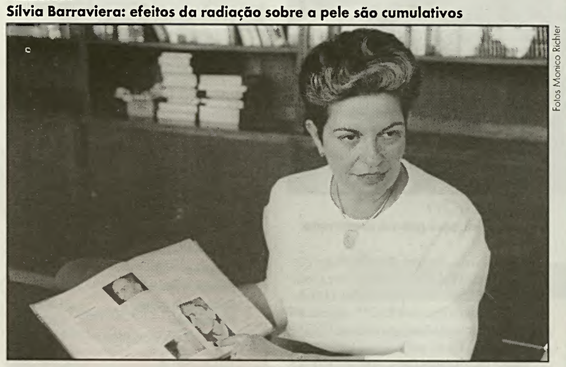
Por trás da tão desejada "cor" do verão escondem-se 400 doenças provocadas pelo sol, inclusive três tipos de câncer.

EVANILDO DA SILVEIRA



Keystone

ALERTA
Sílvia Barraviera: efeitos da radiação sobre a pele são cumulativos



Fotos Mariano Richter

À SOMBRA
Marta Habermann: radiações perigosas entre 10 e 15 horas

É desnecessário dizer que a fornalha de hélio e hidrogênio, que arde a 150 milhões de quilômetros da Terra, mais conhecida como Sol, comanda a vida neste planeta, situado na periferia da Via Láctea. Comparada às dimensões da galáxia e à imensidão imensurável do universo, esta estrela de quinta grandeza não passa de uma líder de gangue de subúrbio. Para os que vivem no terceiro planeta que gira em seu redor, os terráqueos, no entanto, ela é o astro-rei. O sol, apesar de possibilitar a existência do homem, passa a maior parte do tempo quase despercebido ou, pior, sendo espinafrado. Se chove demais, clama-se por sua presença. Se ele mostra toda a sua força, implora-se por clemência.

Apesar dos perigos e das reclamações, terráqueos acorrem às praias aos magotes, todos os anos, quando chega o verão. Lá vão em busca de um padrão de beleza planetariamente aceito: o corpo bronzeado. Desde que, nos anos 50, a estilista Coco Chanel voltou a Paris, depois de umas férias nos Trópicos, queimada de sol, a palidez deixou de ser sinônimo de chique. "Nem sempre foi assim, no entanto", explica a dermatologista Sílvia Regina Catharino Sartori Barraviera, do Departamento de Dermatologia e Radioterapia da Faculdade de Medicina, câmpus de Botucatu. "Até o advento da Revolução Industrial, o chique era ser pálido, porque era sinal de que a pessoa não trabalhava na roça como todo mundo. Depois, a situação se inverteu. Palidez passou a ser sinal de que a pessoa era operária e os bem-nascidos passaram a cultuar o bronzeado como diferenciação e prova de que viviam ao ar livre, sem trabalhar."

Um corpo bronzeado é sempre bem aceito, mas é preciso tomar cuidado para adquiri-lo. O sol não costuma brincar em serviço. É a mais poderosa fonte de radiação que atinge a Terra. Em seu espectro estão a luz visível (as cores que vemos) e as radiações ultravioleta (UV) e infravermelho, invisíveis ao olho humano. "Do total da radiação que emite e chega ao nosso planeta, 50% são de raios infravermelhos, responsáveis pelo calor, 40% são luz visível e o restante é radiação ultravioleta, dividida, principalmente, em A, B e C", explica o farmacêutico bioquímico Marcos Antônio Corrêa, do Departamento de Fármacos e Medicamentos da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, câmpus de Araraquara.

Negreiros

No caso de exposição do corpo humano ao sol, o que importa são as radiações ultravioleta. As que mais atingem a Terra são duas, a B, mais energética, cujo comprimento de onda varia de 280 a 320 nanômetros (nm é uma unidade de medida que equivale a um bilionésimo do metro, ou seja, um metro dividido por um bilhão) e a A, de cumprimento de onda de 320 a 400 nm.

Tirando estas tecnalidades científicas, o que interessa saber é que os efeitos da radiação UV B são os mais visíveis no ser humano. "Ela causa queimaduras na pele, perceptíveis na forma de vermelhidão, chamadas de eritemas", explica a dermatologista Marta Cassoni Habermann, colega de departamento de Sílvia Regina. "Sua concentração máxima ocorre entre as 10 e 15 horas, período em que se deve evitar a praia, por exemplo."

RADIAÇÃO TRAIÇOEIRA

A radiação UV A não é notada à primeira vista. É mais insidiosa e traiçoeira e, por isso, muito mais perigosa para as pessoas. "Ela atinge a derme", explica o químico, Correa. "É a segunda camada mais profunda da pele e essa radiação pode causar alterações na estrutura das células e até levar à formação de um câncer". Essas lesões podem ser prevenidas, entretanto.

De acordo com Sílvia e Marta, o primeiro passo para isso é orientar a população quanto aos perigos da exposição exagerada ao sol. "É preciso alertar que os efeitos da radiação solar sobre a pele são cumulativos, isto é, vão se acumulando ao longo do tempo", explica Sílvia. "A preocupação com o excesso deve ocorrer desde a infância, pois se nos primeiros 10 ou 20 anos de vida houver exposição exagerada, haverá maior risco de câncer na idade adulta *(leia texto à pág. 7)*." Com a melhoria das condições de saúde e de vida, a sobrevida das pessoas tornou-se maior e, conseqüentemente, o tempo de exposição solar também, o que faz com que seja importante a orientação quanto a uma exposição solar adequada.

Sílvia alerta também para o fato de que nem todas as pessoas se bronzeiam da mesma forma ou adquirem a tão desejada "cor". "A pigmentação, o escurecimento da pele, quando ocorre exposição solar, acontece por aumento da produção de melanina, substância responsável pela cor das pessoas", explica. "Esse aumento de melanina tem como função proteger nosso corpo das radiações luminosas. Essa capacidade de adquirir pigmentação é racial, genética e maior nos indivíduos de pele escura. Assim, nem todos os indivíduos quando tomam sol se bronzeiam. Alguns ficam apenas avermelhados, dependendo de seu tipo de pele."

Segundo Marta, existem seis tipo de pele:

Tipo I : sempre queima, nunca bronzeia;
Tipo II : geralmente queima, às vezes bronzeia;
Tipo III : às vezes queima, usualmente bronzeia;
Tipo IV : nunca queima, sempre bronzeia;
Tipo V : moderada pigmentação constitucional;
Tipo VI : marcada pigmentação constitucional.

Assim, as pessoas de pele e olhos claros que se expõem ao sol sem a devida proteção, indivíduos submetidos à radioterapia prévia, aqueles que fizeram uso de compostos de arsênico e os que apresentam queimaduras prévias, úlceras crônicas, são mais propensos ao desenvolvimento de alterações cutâneas em conseqüência à exposição solar. Mais do que para os outros, para esses, todo cuidado é pouco.

Outra das conseqüências da exposição prolongada ao sol é o fotoenvelhecimento, isto é, o aparecimento precoce de rugas, aspereza e flacidez na pele. O principal dano, no entanto, é o aparecimento de lesões neoplásicas, ou seja, o câncer de pele. "É importante salientar que o aparecimento do câncer pode ser prevenido e, se detectado precocemente, pode ser totalmente curado", tranqüiliza Sílvia. "Assim, além da prevenção, torna-se importante o auto exame da pele pelo menos uma vez ao mês, para detecção de eventuais lesões suspeitas, principalmente para aquelas pessoas que tenham antecedentes de casos de câncer de pele na família."

Perigo, até em dias nublados.

Dicas preciosas para quem gosta de se estirar ao sol

Apesar de o sol ser necessário à nossa saúde — ele é responsável, entre outras coisas, pela fixação da vitamina D, que fortalece os ossos —, também pode ser muito perigoso. Por isso, é preciso saber como e quanto se expor a ele.

- evite exposição solar no horário entre 10 e 15 horas (lembre do horário de verão);
- use filtros solares antes de expor-se ao sol, mesmo em dias nublados, e reaplique a cada 2 horas e depois de sair da água;
- aplique o produto correta e generosamente sobre a pele pelo menos 30 minutos antes de expor-se ao sol;
- não use fotoprotetores em crianças com menos de seis meses de idade, exceto sob orientação médica. Não existe dose recomendada para esta faixa;
- lembre que nos dias nublados há mormaço; portanto, a fotoproteção é limitada (passam 60 a 80% das radiações em relação aos dias normais);
- roupas e chapéus protegem da radiação, mas camisetas molhadas, tecidos "vazados" e meias de nylon permitem a passagem de 20 a 30% da radiação ultravioleta;
- areia, neve, concreto e água podem refletir até 80% da luz solar, potencializando seus efeitos;
- 50% da radiação ultravioleta pode atingir partes do corpo submersas na água;
- vidros, incluindo óculos de sol, bloqueiam toda a radiação ultravioleta B e metade da ultravioleta A;
- o guarda-sol diminui a radiação pela metade; portanto, mesmo estando sob sua proteção, ele é indispensável na praia e à beira das piscinas, por exemplo;
- tome bastante líquido.

Verdades e mentiras sobre os filtros

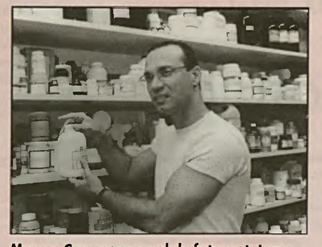
É bom saber, de saída, que nenhum protetor é 100% seguro.

Para enfrentar a fúria da radiação solar, o homem não dispõe apenas de chapéus e guarda-sóis. Ele tem, hoje, à sua disposição, um verdadeiro arsenal químico para se proteger, sob a forma de filtros solares ou fotoprotetores. De acordo com o farmacêutico bioquímico Marcos Antonio Correa, as pesquisas sobre os efeitos da radiação na pele começaram em 1894, mas o primeiro filtro solar só foi lançado comercialmente, nos Estados Unidos, em 1928. A partir daí, outros países, como França e Austrália, também fizeram seus lançamentos. "No final da década de 30, a Food and Drugs Administration, FDA, agência norte-americana que controla os medicamentos, tentou regulamentar o uso de filtros solares", conta Correa. "O órgão estabeleceu, naquele momento, que os produtos que evitam queimadura solar deveriam ser enquadrados como medicamento e os que eram capazes de bronzear como cosméticos." Foi um erro, como se viu mais tarde.

Os fabricantes, para evitar os custos de um produto enquadrado como medicamento, passaram a promover suas preparações apenas pela capacidade de bronzear, evitando qualquer referência aos efeitos nocivos da radiação solar. Nos anos 70, o FDA tentou corrigir isso, determinando procedimentos clínicos para medir o Fator de Proteção Solar (FPS) desses produtos. "O FPS é um número que indica quanto a pessoa pode ficar exposta ao sol sem risco de queimaduras", explica Correa. "Por exemplo, se uma pessoa pode ficar uma hora ao sol, sem proteção e sem sofrer queimaduras, se usar um FPS 8 poderá permanecer até oito vezes mais tempo nas mesmas condições. Na época, foi proposto como valor máximo FPS 15."

Mas, alerta o bioquímico, é preciso ver com cuidado a questão dos filtros. Nenhum tipo bloqueia 100% da radiação. Tampouco um FPS 30 protege duas vezes mais que FPS 15. "Na verdade, essa diferença é insignificante", comenta Correa. "Um FPS 15 bloqueia 93,33% da radiação solar e FPS 30, bloqueia 96,7%". Por isso, os dermatologistas recomendam filtros solares com FPS 15 como os mais indicados. "Fotoprotetores com FPS acima de 15 podem provocar irritações e alergias, além de serem mais caros", diz a dermatologista Sílvia Barraviera.

Os especialistas também avisam que o FPS só se refere à radiação ultravioleta B, que causa queimaduras na superfície da pele. "É difícil saber se ele protege, e qual a intensidade dessa proteção, frente à radiação UV A", explica Correa. "Isso significa que dois produtos com FPS idênticos podem apresentar níveis significativamente diferentes de proteção frente à radiação UV A."



Marcos Correa: arsenal de fotoprotetores

Receita para envelhecer mais cedo

Pele, a vítima preferencial do sol.

Embora quase não se dê importância para ela, a pele é o maior órgão do corpo humano e, por conseqüência, o que é atingido pelo maior número de males: nada menos do que 400 doenças a acometem, entre elas as de origem genética, infecciosa, alérgica ou auto-imune. Entre os riscos mais perigosos da exposição exagerada da pele aos raios solares está o câncer. Segundo a dermatologista Sílvia Regina Catharino Sartori Barraviera, existem três tipos mais comuns de câncer de pele: o carcinoma basocelular, o carcinoma espino celular e o melanoma.

O tipo mais encontrado é o carcinoma basocelular, que é pouco agressivo, cresce muito lentamente e aparece em indivíduos com a pele fotoagredida. "Pode apresentar-se como um nódulo de bordas cor de pérola, recoberto por telangectasias, ou seja, pelo aparecimento de pequenos vasos sangüíneos sobre a lesão", informa Sílvia. "Pode surgir ulcerado, isto é, em forma de ferida, mas conserva as características anteriores." Esse tipo de câncer leva muitos anos para crescer e ocorre principalmente na face (dorso nasal, região malar frontal), orelhas, no "V" do decote e nos braços. Pode destruir os tecidos adjacentes a ele, mas não causa metástases, quer dizer, não se ramifica para outros órgãos.

O segundo tipo mais freqüente de câncer de pele é o carcinoma espino celular, que também ocorre em áreas expostas ao sol, principalmente na face, sendo o lábio inferior uma área preferida. Cresce mais rapidamente que o carcinoma basocelular, forma um nódulo duro à apalpação e ulcera-se com facilidade. É mais maligno, pois pode atingir órgãos distantes, como gânglios, pulmões e cérebro.

O terceiro tipo, o mais perigoso e agressivo de todos, é o melanoma, que pode apresentar-se como mancha ou nódulo enegrecido, com variação de cor na sua superfície, sangramento fácil, prurido, vermelhidão e provocar o aparecimento de lesões satélites ao redor. Em geral, a pessoa apresenta uma "pinta" na pele que muda de característica, aumenta de tamanho, sangra, coça e pode provocar o aparecimento de lesões ao redor. "Esse tipo de câncer ocorre em qualquer parte do corpo, inclusive no leito ungueal, isto é, embaixo das unhas", explica a dermatologista Marta Cassoni Habermann. "É bastante agressivo, com disseminação precoce para outros órgãos."

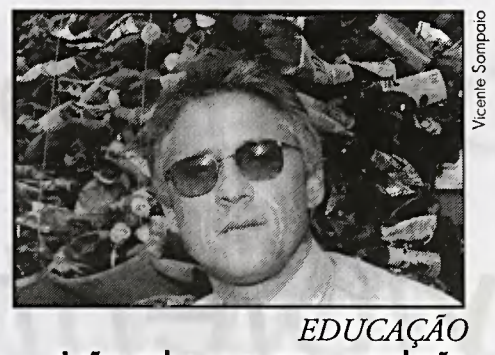
Além do câncer de pele, existem várias outras doenças cutâneas que podem ser desencadeadas ou agravadas pela exposição ao sol, assim como o envelhecimento cutâneo precoce. Entre as principais, estão a acne solar, o herpes labial, a ptiríasis versicolor, conhecida popularmente como micose de praia, a brotoeja e a larva migrans ou bicho geográfico.

MEIO AMBIENTE

Aceita-se lixo

Universidade inicia campanhas de coleta seletiva

Manica Richter



Vicente Sampaio

EDUCAÇÃO
Leão: aulas para que a população aprenda a descartar o lixo

SUJEIRA
Caçambas nos câmpus: lixo de boa qualidade, para reciclagem

Mesmo o mais desatento e inconseqüente dos terráqueos há de ter percebido que o planeta não anda lá grande coisa. Do solo à estratosfera, das florestas aos oceanos, o homem passeou pelos quatro cantos do globo marcando-o de forma indelével. Saturou o solo com agrotóxicos, lançou à atmosfera quantidades absurdas de gases venenosos, derrubou com a maior sem-cerimônia árvores seculares, derramou doses generosas de óleo nos mares e erigiu montanhas de lixo nos arredores das cidades. O problema, alertam os ambientalistas, é grave. De fato, se considerarmos que mais da metade do lixo existente hoje no mundo foi produzido nas últimas duas décadas – seu volume cresce em escala geométrica —, e que o plástico, por exemplo, leva cerca de mil anos para se decompor na natureza, não será preciso muito esforço para antever o que nos espera num futuro imediato.

Preocupados com a questão, alguns câmpus da UNESP iniciaram campanhas de conscientização das populações e formas de incentivo à coleta seletiva do lixo. Botucatu, por exemplo, instituiu o "Projeto UNESP Recicla", a partir de uma parceria com a Ação da Cidadania do Município e o Unibanco e levado a termo pela Faculdade de Ciências Agrárias. Iniciativa semelhante brotou no Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências do câmpus de Bauru, com o projeto "Lixo que não é lixo".

GERAÇÃO DE RECURSOS

De acordo com o engenheiro agrônomo Elias José Simon, diretor da FCA, a principal função do "UNESP Recicla" é fazer com que a população passe a se preocupar com o material descartado. "Com o tempo, as pessoas irão se acostumar a separar o lixo e a depositá-lo em saquinhos separados", diz. O projeto de Botucatu distribuiu 500 cestos de coleta em salas de aula, 12 coletores em locais estratégicos dos dois câmpus, Rubião Júnior e Lageado, e oito caçambas. "Ao lado destas ações concretas, nossos alunos da pós-graduação têm ministrado aulas para que a população saiba como descartar o lixo", diz o também engenheiro agrônomo Alcides Lopes Leão, do Departamento de Ciências Ambientais da FCA, responsável pelo projeto. "Com essas medidas, vamos ter um lixo de boa qualidade, passível de processamento, e poderemos gerar recursos."

Em Bauru, os postos de coleta seletiva do câmpus estão instalados desde novembro último. Os resultados, segundo Olavo Speranza de Arruda, chefe do Departamento de Bilogia da FC, têm sido animadores. "Professores, alunos e funcionários têm trazido lixo até de casa para descartar aqui", comenta. "Temos três tipos de coletores, para papel, metal e plástico, e a renda obtida com a venda desse material será destinada a entidades assistenciais de Bauru", acrescenta o idealizador do projeto, professor Aloísio Costa Sampaio, também do Departamento de Biologia.

PRÊMIO

Homens (e mulheres) ao mar!

"Oceanos: fonte de alimentos" é o tema do XV Prêmio Jovem Cientista.

M.C. Escher

Na esteira da Organização das Nações Unidas, que elegeu 1998 como o Ano Internacional dos Oceanos, o Prêmio Jovem Cientista instituiu, como tema para seu 15º certame, "Oceanos: fonte de alimentos". A intenção do prêmio é incentivar pesquisas na área, já que, embora cubram 70% da superfície terrestre, oceanos e mares respondem por apenas 16% do consumo mundial de proteínas, segundo dados da própria ONU.

Para concorrer ao XV Prêmio Jovem Cientista, o trabalho deve versar sobre manejo integrado de várias espécies, exploração da diversidade biológica e de diferentes habitats, avaliação e restauração de estoques de populações marinhas de uso comercial e integração de projetos de aqüicultura marinha com programas de geração de emprego e participação comunitária.

O prêmio tem três categorias: *Graduados*, para pesquisadores com menos de 40 anos; *Estudantes*, para alunos de escolas técnicas e/ou curso superior que tenham menos de 30 anos; e *Mérito Institucional*, um incentivo à pesquisa científica da instituição — universidade, centro de pesquisa, escola técnica ou empresa – que tiver o maior número de candidatos inscritos. A instituição vencedora será oferecida uma quantia de R$ 30 mil. Na categoria *Graduados,* também R$ 30 mil e, na *Estudantes*, R$ 5 mil para o primeiro lugar, R$ 3.500 para o segundo e R$ 2 mil para o terceiro.

As inscrições, que já estão abertas, podem ser feitas até o dia 30 de abril de 1998. Outras informações, pelo telefone (061) 348-9410. E-mail: premios@sirius.cnpq.br.

INCENTIVO

Programa apóia intercâmbio latino

Financiamentos serão de até US$ 20 mil

Para quem desenvolve ou está pensando em desenvolver linhas de pesquisa em parceria com cientistas argentinos ou chilenos, uma boa notícia: a Fundação Vitae acaba de lançar o Programa de Cooperação Científico-Acadêmica entre Argentina, Brasil e Chile. O programa, destinado a professores ou pesquisadores de instituições de ensino superior, institutos ou centros de pesquisa, tem o propósito de promover o intercâmbio entre pesquisadores e acadêmicos.

Para participar, o candidato deve ter o título mínimo de doutor e a pesquisa, envolver pelo menos um dos dois outros países. O programa não abrange as áreas de Saúde Pública, Medicina e Odontologia. Se o trabalho for binacional, o financiamento será de US$ 10 mil; se for trinacional, o valor subirá para US$ 20 mil. O patrocínio será pago de acordo com a proposta do pesquisador, mas nunca em menos do que duas parcelas ao longo de um ano. "Na verdade, o programa não financia a pesquisa em si", diz Conceição Bongiovanni, gerente de Projetos da Área de Educação da Fundação Vitae. "Nosso apoio visa facilitar o trabalho conjunto entre as equipes, e o dinheiro pode ser destinado, por exemplo, ao financiamento das passagens e das estadias."

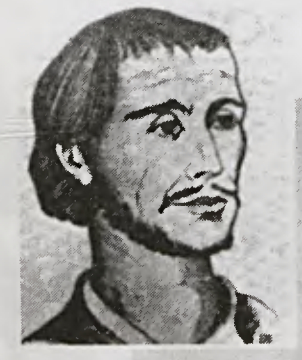
As inscrições podem ser feitas até às 18 horas do dia 24 de abril de 1998. Inscrições feitas pelo correio devem ser postadas até essa data. O formulário está disponível na sede da fundação, à rua Oscar Freire, 379, 5º andar, CEP 01426-001, São Paulo, SP, e pode ser acessado, via Internet, pelo *site* http://www.vitae.org.br ou pelo *e-mail* vitae@dialdata.com.br. Outras informações, pelo telefone (011) 3061-5299.

RESENHA

Vila Rica, riquíssima.

Comparado a Camões e Gregório de Matos, o poeta Cláudio Manuel da Costa surge, aqui, como um dos gênios do Brasil colônia.

OSCAR D'AMBROSIO



Quem introduziu o neoclassicismo no Brasil e em Portugal? Se você tem alguma dúvida, aí vão algumas dicas. Ele foi um dos primeiros dramaturgos nacionais, iniciador da poesia lírica arcádica, pioneiro da épica, autor do primeiro esboço de teoria literária, do primeiro escorço autobiográfico, dos primeiros versos de poesia épica satírica e ainda o primeiro tradutor documentado. Se, mesmo diante de tantas pistas, você hesitou ao responder, não deve deixar de ler *Metamorfoses: a poesia de Claúdio Manuel da Costa*, do professor Edward Lopes, docente aposentado do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara. Se acertou, certamente encontrará no livro agradáveis surpresas sobre o poeta mineiro, sobre sua produção literária e sobre as Minas Gerais do século XVIII.

O livro começa com a conjuntura histórica vivida, no período, por Vila Rica, hoje Ouro Preto, que se tornara, graças ao ouro, a mais rica e populosa cidade colonial. Isso gerava condições para que os filhos dos mais abastados pudessem ir estudar em Coimbra, Paris, Bordeaux, Montpellier, Berlim e Londres, entre outras cidades européias.

As artes também se favoreceram, e com ecletismo. Aleijadinho, além de escultor, era arquiteto. Tomás Antônio Gonzaga militava no Direito e era poeta; e Caldas Barbosa, não só era músico, como também versejava. Todos eles buscavam, em suas respectivas artes, uma dicção precisa, embora houvesse, na poesia, o respeito aos moldes formais da tradição clássica. Tudo isso regado por *slogans* e chavões iluministas, o pensamento artístico, científico e filosófico do período.

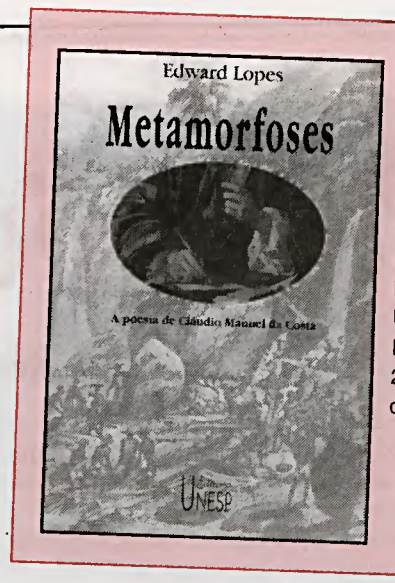
Foto Edgard de Cerqueira Falcão - Reprodução extraída da obra Relíquias da Terra do Ouro

VILA RICA
O poeta, no detalhe, e sua casa: ecos do barroco e neoclássico

O ensaio mostra que Cláudio Manuel da Costa transitou entre o "estilo sublime" do barroco e o "estilo simples" do neoclássico; entre o espaço de Coimbra e o de Minas; entre o cortesão e o rústico; entre o lírico e o épico. Nesse sentido, os espaços geográfico (Minas Gerais), mítico (*locus amoenus* idealizado árcade) e literário (rios Tejo e Mondego, de origem portuguesa) realizam entroncamentos simbólicos, onde ocorrem as metamorfoses que intitulam o livro.

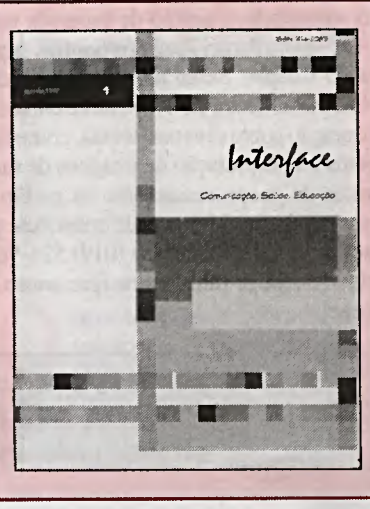
Ao pesquisar atentamente a fonética, a simbologia e o léxico dos versos de Cláudio Manuel da Costa, Edward Lopes defende, com riqueza de exemplos e argumentos, o lugar do poeta, cronologicamente, como o segundo maior sonetista da língua portuguesa, situando-o logo após Camões. Além disso, ele estaria junto a Gregório de Matos e a Gonzaga entre os gênios do Brasil colônia e permaneceria até hoje como um dos seis maiores sonetistas da história de nossa poesia.

Ao final da obra, o autor defende a necessidade de maiores estudos sobre o arcadismo, para que ele ocupe, ao lado do romantismo e do modernismo, lugar de destaque entre os estudos literários nacionais. Se as próximas pesquisas apresentarem a densidade, a seriedade e, principalmente, o poder de análise do presente livro, o século XVIII poderá finalmente ocupar o lugar que lhe é de direito entre os grandes momentos da produção literária nacional.



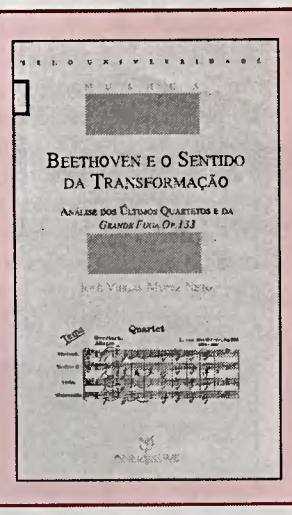
Metamorfoses: a poesia de Cláudio Manuel da Costa, de Edward Lopes; capa Ettore Bottini; Editora UNESP; 212 páginas; R$ 20,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

LANÇAMENTOS DE DOCENTES



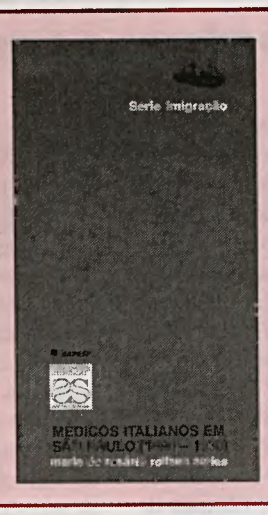
PUBLICAÇÃO

Interface: comunicação, saúde e educação - Núcleo de Comunicação da Fundação Uni-Botucatu. Assinatura anual: R$ 25,00. Informações: (014) 821-2121, ramal 232.



MÚSICA

Beethoven e o sentido da transformação: análise dos últimos quartetos e da Grande Fuga Op. 133 - José Viegas Muniz Neto; Annablume; 192 páginas; R$15,00.



IMIGRAÇÃO

Médicos italianos em São Paulo (1890 - 1930): um projeto de ascensão social - Maria do Rosário Rolfsen Salles; Editora Sumaré e Fapesp; 182 páginas; R$15,00.

Em busca do elo perdido

O diálogo entre comunicação, saúde e educação é fundamental para integrar universidade, serviços de saúde e comunidade. Por isso, o Núcleo de Comunicação e Saúde da Fundação Uni-Botucatu e as disciplinas de Pedagogia Médica e Didática Especial dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, câmpus de Botucatu, estão lançando *Interface*, publicação semestral que busca encontrar os elos entre as ciências biológicas e as sociais. "Há desde textos sobre a sala de aula como espaço de comunicação até discussões sobre ética e ensino médico", diz o médico sanitarista Anthonio Pithon Cyrino, professor do Departamento de Saúde Pública da FM, um dos editores da publicação. "Essa variedade temática mostra como pode ser produtiva a troca entre o cotidiano da universidade e os serviços de saúde."

Beethoven, arcaico e moderno.

Compositor de mais de 600 obras, Beethoven foi uma personalidade dominante no século XIX graças a uma música com referências transcendentais e pouco diálogo com seus contemporâneos, como Mendelssohn, Schubert e Rossini. Sua obra é dividida em três períodos: o influenciado por Mozart, o da ascendência de Haydn e o inovador. Neste último, destaca-se a Grande Fuga, em si bemol maior, opus 133, obra muito elogiada, mas pouco executada. É justamente ela que é o motivo da tese de doutorado, agora publicada em livro, do musicólogo José Viegas Muniz Neto, professor do Curso de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UNESP, câmpus de São Paulo. "A composição que analisei é, paradoxalmente, arcaica e moderna, com aspectos expressionistas e ritualísticos", diz o docente. "Mostro um dado inquestionável em Beethoven: o seu peculiar sentido de transformação."

I dottori em São Paulo

A imigração italiana na cidade de São Paulo é um rico tema para pesquisas, já que os elos entre os recém-chegados e a população local se deram de várias maneiras, geralmente marcadas pela integração. Em *Médicos italianos (1890-1930): um projeto de ascensão social*, a cientista social Maria do Rosário Rolfsen Salles, professora da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, ressalta a experiência dos médicos italianos na capital paulista, a consolidação da profissão no Estado e o desenvolvimento urbano no período. "Eles foram se firmando como médicos de consultório e beneméritos de hospitais e Santas Casas", diz a docente. "Por isso, participaram ativamente das primeiras experiências educacionais médicas do Estado e integraram as principais pesquisas do período, contribuindo para o desenvolvimento da medicina entre nós."

SAÚDE

Parceria cria Fundação Uni

Em cinco anos, entidade mudou perfil de Botucatu.

Com base em uma ampla pesquisa realizada em 1996, a revista *Exame* indicou as 12 cidades brasileiras com melhor padrão de vida. Entre essas localidades destacava-se Botucatu, cidade de 100 mil habitantes do centro-oeste do Estado. De lá para cá, embora não se tenha notícias de novas pesquisas, pode-se concluir que a situação do município melhorou ainda mais. "O esforço conjunto do Projeto Uni mudou o perfil da saúde em Botucatu e está transformando a cidade em um verdadeiro modelo para o País", diz o cirurgião-pediátrico José Lúcio Martins Machado, diretor executivo da entidade.

Criado em 1992, por meio de uma parceria entre a Fundação Kellogg, organização não-governamental americana, a Faculdade de Medicina do câmpus da UNESP de Botucatu, a Secretaria de Saúde e Meio Ambiente da Prefeitura e a União das Associações e Sociedades de Amigos de Bairro da cidade, o Projeto Uni, de fato, responde por boa parte dessa avaliação positiva. "Temos construído novos modelos de assistência à população e de ação comunitária", confirma o prefeito de Botucatu, Pedro Losi Neto.

Como forma de garantir a continuidade dessas atividades, foi instituída formalmente, no último dia 28 de novembro, em solenidade realizada no salão nobre da Faculdade de Medicina, a Fundação Uni-Botucatu. "Ela segue os mesmos princípios do projeto", explica Machado. "Vamos trabalhar em parceria com outras instituições para desenvolver modelos inovadores de ensino e assistência na área da saúde". Na ocasião, foi realizada também a primeira reunião do Conselho de Curadores da fundação, órgão máximo de decisão da entidade, que definiu os nomes de sua primeira diretoria executiva.

Divulgação

SOLENIDADE
Incentivo ao desenvolvimento de novos modelos para o ensino e a saúde

INAUGURAÇÃO I

Divulgação

Cooperação técnica e científica busca melhor qualidade de vida

Uma nova luz à Extensão

Fundação Lucentis aproxima pesquisadores e empresários

Incentivar projetos de extensão universitária que dêem apoio ao ensino e à cultura é o principal objetivo da Fundação Lucentis de Apoio à Cultura, Ensino, Pesquisa e Extensão. Criada por médicos, empresários e pesquisadores e inaugurada em novembro último, a fundação, cujo nome significa, em latim, "uma nova luz", é sediada em Botucatu. "Nossa idéia é trabalhar junto aos empresários para captar capital da iniciativa privada", informa o geneticista clínico Danilo Moretti-Ferreira, professor do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, câmpus de Botucatu, e presidente do Conselho Curador da entidade.

Embora nova, a Fundação Lucentis já está conseguindo chamar a atenção dos empresários. Em dezembro último, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, presidente da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp/Ciesp), e Paulo Roberto Sauer, diretor-presidente da fundação, assinaram um convênio de cooperação técnico-científica com duração de dois anos, prorrogável, voltado para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e assistência à comunidade. "A idéia é dotar a UNESP de modernos laboratórios e ampliar seu atendimento às populações do Oeste de São Paulo, Norte do Paraná e Sul de Mato Grosso", diz Danilo. "Muito pode ser feito para que pessoas carentes tenham uma melhor qualidade de vida."

Graças ao convênio, a Fundação Lucentis passou a facilitar o repasse de doações de empresas a entidades como o Centro de Diagnósticos de Doenças Genéticas da UNESP, câmpus de Botucatu, reconhecido como dos mais importantes do País. "Este projeto permite oferecer às populações carentes uma medicina de alto nível que, por ser extremamente cara, jamais estaria ao alcance dessas pessoas", avalia Mário Soares Neto, diretor regional do Ciesp de Botucatu e integrante do Conselho Curador da fundação.

Na mesma cerimônia, foi assinado um convênio de cooperação técnica, científica e financeira entre a Fundação Lucentis e o Banco Pactual. O acordo estabelece que R$ 3 milhões serão repassados para a entidade nos próximos quatro anos. Com essa verba, vários projetos poderão ser concretizados num futuro próximo. Entre eles, o professor Danilo Moretti-Ferreira destaca o de hortas comunitárias e o de prestação de assistência médica e odontológica. "É esse tipo de ação nas áreas da saúde e da educação que podemos, e devemos, levar adiante."

INAUGURAÇÃO II

Boas novas aos fonoaudiólogos

Inaugurada em 14 de novembro último, em Marília, a Delegacia de Fiscalização e Ética da Fonoaudiologia terá como missão principal facilitar o atendimento ao profissional do Interior, desafogando o Conselho Regional de Fonoaudiologia, entidade sediada em São Paulo. Até então, havia apenas um escritório do conselho, localizado em Santos, que atendia somente aos profissionais da Baixada Santista.

A escolhida para ser a delegada do novo órgão é a professora Célia Maria Giacheti, do Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) do câmpus da UNESP de Marília. "Vamos dar orientação e assistência ao fonoaudiólogo e divulgar a legislação e o código de ética, além de fiscalizar o exercício profissional", afirma Célia. "Com o rápido desenvolvimento da nossa área, precisamos estar muito bem organizados." De acordo com a professora, existem cerca de 300 profissionais, formados por quatro universidades (Universidade de Marília, USP e Universidade do Sagrado Coração, além da UNESP), na região de Marília. "Por isso, tornou-se fundamental a criação de um órgão desse tipo", comenta. A delegacia está localizada à Rua Bahia, 165, sala 43, e atende no horário comercial.

INAUGURAÇÃO III

Núcleo de estudos ganha prédio

Oferecer cursos de treinamento e reciclagem profissional para professores da área de gerência ambiental que desejam complementar ou atualizar seus conhecimentos é o principal objetivo do Núcleo de Educação Continuada (Nec) do Centro de Análise e Planejamento Ambiental (Ceapla) do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, câmpus de Rio Claro. Para atender melhor seu público, o Ceapla inaugurou, em dezembro último, seu segundo prédio que, com 240 m² de área construída, foi erguido graças a recursos oriundos da prestação de serviços para a Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. "Nele, o Nec vai oferecer, ainda em 1998, um curso de especialização/pós-graduação *lato sensu* nas modalidades de diagnóstico ambiental, geoprocessamento, socioeconomia, desenvolvimento sustentado e gestão de recursos naturais", diz Maria Juraci Zani dos Santos, supervisora do Ceapla. Serão também oferecidos, no primeiro semestre de 1998, nove cursos de curta duração sobre diversos temas, como fundamentos e interpretação de imagens de radar e técnicas de geoprocessamento na gestão de recursos naturais. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone (019) 524-9622 ou pela *home page* http://www.igce.unesp.br/igce/ceapla

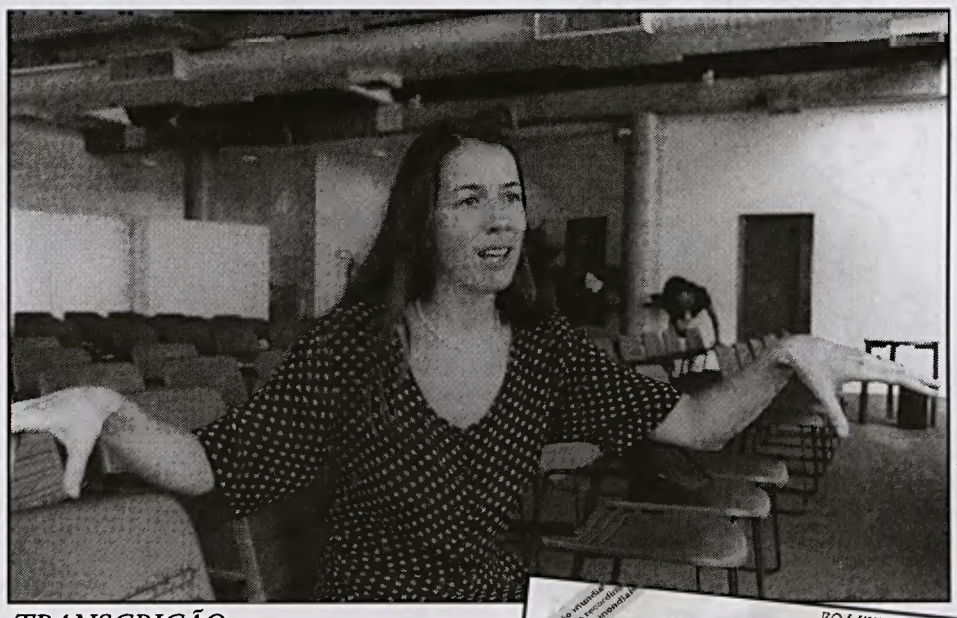
Divulgação

SEDE DO SABER
Cursos na área de gerência ambiental

MÚSICA

Talento e paixão, em peça inédita de Rossini.

Gravado em CD por docente do IA, o balé *Boutique Fantasque* torna-se referência mundial.



Monica Richter

TRANSCRIÇÃO
Anna Claudia: instrumentista dá vida à transcrição para piano feita por Respighi

Criado na Itália em fins do século XVII, o piano é um instrumento fascinante, sempre ligado a nomes como o do genial Mozart, do temperamental Schumann e do irreverente Lizst, artistas que dividem pelo menos uma característica: a precocidade. Entre seus docentes, a UNESP também conta com uma instrumentista precoce que, guardadas as proporções, está conquistando um merecido lugar no cenário mundial. Seu nome é Anna Claudia Agazzi, professora do Instituto de Artes. Aos 28 anos, quase duas décadas após ter feito sua estréia profissional ao lado de uma orquestra, Anna está lançando seu primeiro CD. "Trata-se da primeira gravação mundial para piano do balé *Boutique Fantasque*, de Rossini", orgulha-se a pianista.

Anna Claudia começou seus estudos musicais aos 5 anos. "Até os meus 20 anos, não fiquei dois dias sem tocar piano", garante. "Enquanto minhas amigas iam ao shopping, passear, eu ficava em casa, praticando." Resistir às tentações e dispersões da adolescência trouxe compensações. Aos 15 anos, Anna venceu o Concurso Jovens Solistas do Estado de São Paulo, apresentando-se ao lado da orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, sob a regência dos maestros Eleazar de Carvalho e Diogo Pacheco. "Ganhei experiência. Foi uma prova de fogo, difícil mas não traumática", ressalta.

A pianista considera que, além das aulas com sua principal mentora, a conceituada professora brasileira Daisy de Luca, o período em que mais cresceu profissionalmente foi quando realizou seu mestrado em Nova York, época em que estudou com a russa Nina Svetlanova e obteve seu mestrado, em 1992, graças à execução, perante uma banca, da *Sonata em Fá Menor*, de Brahms. "É uma obra de fôlego. Dura 42 minutos e continua sendo uma de minhas preferidas", recorda. "Estudei na Manhattan School of Music, e abri meus olhos para o mundo, principalmente para outras formas de expressão artística, como a pintura". Nessa época, Anna Claudia começou a freqüentar galerias e a perceber os elos entre as diversas artes. "Isso me marcou tanto, que escolhi para a capa do meu CD um quadro do pintor fauvista francês André Derain, que fez os cenários e figurinos quando o balé de Rossini estreou em Londres, em 1919".

BRINQUEDOS VIVOS

A gravação do CD *La Boutique Fantasque* é uma prova dessa paixão. O selo brasileiro Master Class tinha em seu poder, já há algum tempo, a transcrição para piano do balé homônimo, escrito pelo célebre compositor de óperas Gioachino Rossini. O melhor é que essa passagem da orquestra para o piano fora feita pelo italiano Ottorino Respighi, um dos maiores arranjadores da história da música. Os produtores esperavam uma pianista com técnica e sensibilidade que se ajustassem a esse repertório. Foi o que ocorreu com Anna Claudia, que, ao tomar contato com a partitura, apaixonou-se pela melodia. "A peça narra a história de objetos e brinquedos que ganham vida numa loja de Nice", conta a pianista.

Mesmo assim, a gravação do CD não foi imediata. "Antes de ir para o estúdio, realizei uma pesquisa para verificar se, realmente, ninguém antes havia gravado a transcrição de Respighi para piano." Após consultar as melhores gravadoras e magazines do mundo e constatar que se tratava realmente de uma composição inédita, a decisão foi tomada. "Tivemos muito cuidado, porque esta obra será uma referência mundial para quem venha a estudar Rossini", diz a pianista, enfatizando que, para tocar ou mesmo admirar o compositor italiano e as melhores composições mundiais para piano, não basta informação ou técnica. "É preciso humanidade", ressalta. "Isso é algo que não falta à Anna, pois ela possui qualidades que indicam certamente os rumos de uma carreira promissora", avalia o maestro Eleazar de Carvalho.

(O. D.)

EXTENSÃO

Primeiros passos em Informática

Engenharia de Guaratinguetá expede mil diplomas para adolescentes carentes da região

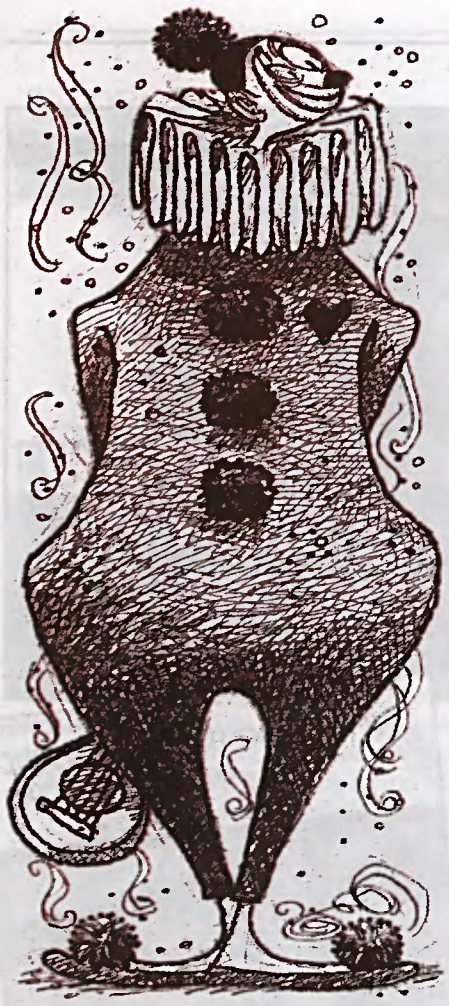
Quem acha que a informática é acessível apenas a jovens de classe média que podem comprar um microcomputador precisa conhecer o trabalho junto a adolescentes carentes que vem sendo desenvolvido na Faculdade de Engenharia (FE) da UNESP, câmpus de Guaratinguetá. De julho de 1996 a dezembro último, a FE concedeu, graças a um projeto de capacitação em informática, mil diplomas na área para adolescentes pobres da região. Foram oferecidos cursos de Dos, Windows, Word, Excel e de navegação pela Internet para turmas indicadas por entidades assistenciais da cidade, como Guarda Mirim, SOS Criança, Centro de Promoção Humana, Lyons e Rotary. "Filhos de funcionários da FE e alunos da Faculdade Aberta da Terceira Idade também se tornaram nossos alunos", diz o coordenador do projeto, engenheiro Édson Luis França Senne, gerente do Pólo Computacional da FE.

Zilberman

SERVIÇO À COMUNIDADE

O projeto teve início em julho de 1996, quando um ex-aluno da FE, José Roberto Fernandes Pitta, diretor de informática do Banco Sudameris, intermediou a doação do banco à faculdade de 15 microcomputadores. "Criamos um laboratório de informática e, desde o início, a idéia foi utilizá-lo para prestar um serviço à comunidade", lembra o engenheiro Guilherme Fernandes Filho, vice-diretor da FE. "Se o curso não fosse gratuito, esses adolescentes e idosos dificilmente teriam acesso a esse tipo de informação", diz. "Preenchemos essa lacuna e estamos muito satisfeitos com o resultado."

Segundo o professor Edson, os alunos dos cursos de iniciação à informática, cada um com duração de 24 h ou 30 h, aprovaram a experiência. Eles tiveram como instrutores estagiários do Pólo Computacional e alunos do Colégio Técnico Industrial de Guaratinguetá, unidade complementar da UNESP. "A resposta da sociedade foi excelente, mostrando que a região tem necessidade de cursos de informática para sua população carente", avalia Edson. "O ânimo dos alunos foi grande, e nos deixou animados para prosseguir com a iniciativa", concorda o professor Guilherme.

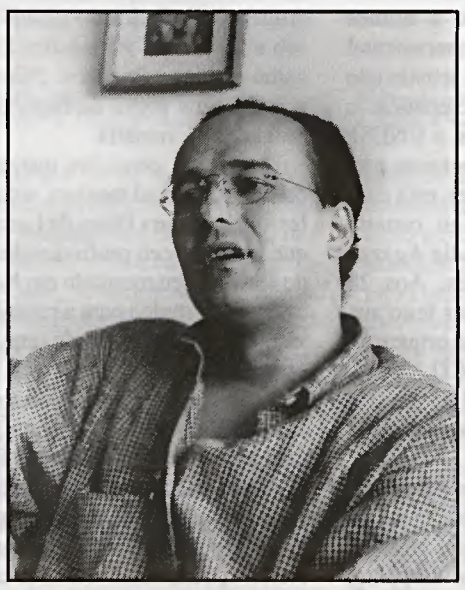


Quando a pesquisa cai no samba

Historiadores, psicólogos, etnomusicólogos e folcloristas investigam as várias facetas do carnaval e arriscam uns passinhos nas avenidas.

Festa popular que ocorre nos três dias que antecedem a Quaresma, o carnaval não é o mesmo em todo o País, assumindo características específicas conforme as regiões em que ocorre. Uma das maiores paixões nacionais, ao lado do futebol, as folias de Momo transformam o Brasil e, até por isso, despertam o interesse de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Na UNESP, podem ser encontradas várias linhas de pesquisa. Algumas, como a do etnomusicólogo Alberto Ikeda, do Instituto de Artes, em São Paulo, estudam a diversidade que os festejos assumem por todo o País. "Na época do carnaval, só se fala de samba, mas a riqueza musical brasileira vai muito além do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia", revela Ikeda. Outras, como a da historiadora Zélia Lopes da Silva, da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis, enfocam especificamente um período histórico. "Estudo o carnaval dos anos 20 e 30 nas ruas do Rio de Janeiro e de São Paulo", conta.

Há ainda os docentes que, aproveitando o ensejo das pesquisas, arriscam seus passinhos nas avenidas e salões. É o caso do pesquisador Reginaldo Tech, da Faculdade de Arquitetura, Arte e Comunicação (FAAC) do câmpus de Bauru, com uma carreira universitária toda voltada para o carnaval. "Meu mestrado foi sobre os enredos das escolas de samba cariocas na década de 80", recorda, anunciando, com entusiasmo, seu novo projeto. "Estou iniciando meu doutoramento sobre a escola de samba Vila Isabel". A Universidade conta até com um docente que foi enredo de escola de samba. É o professor de folclore Sidney Carlos Aznar, também da FAAC. Em 1991, os 1600 componentes do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Avenida, de Cafelândia, cidade em que ele nasceu, evoluíam em torno do tema "Ao mestre com carinho". "A emoção foi enorme", lembra Aznar. "Cheguei até a passar mal."



Fotos Monica Richter

ABORDAGENS
Ikeda e Moraes: batalhas de laranjinhas e tradições dionisíacas

DIVERSIDADE

Entre os vários pesquisadores, Ikeda se destaca pelo tempo a que se dedica ao tema. Estudioso do carnaval há 15 anos e comentarista dos desfiles das escolas de samba de São Paulo para a Rádio Jovem Pan, ele faz, sem titubear, uma lista das variadas expressões carnavalescas nacionais: maracatus, caboclinhos, afoxés, variantes do bumba-meu-boi e – pasmem! — carnaval a cavalo, em Bonfim, Minas Gerais. "Na era da informática e das comunicações de massa, encontramos desde o espírito francamente pós-moderno dos bailes e desfiles televisivos às batalhas de limões e laranjinhas de cheiro praticadas no interior de Sergipe, sob o nome de cabacinha", descreve Ikeda, que, recentemente, curou a exposição itinerante "Brasil: sons e instrumentos populares", que obteve grande repercussão em São Paulo no ano passado (*veja quadro*).

Especialista no estudo de comportamento de adolescentes e, por isso mesmo, voltada à investigação de todo tipo de manifestação social em que seja admitida uma dose de permissividade, a psicóloga Marilene Krom, da Faculdade de Ciências do câmpus de Bauru, verifica, assim como Ikeda em suas viagens pelo Brasil e pela América Latina, que, sob os desígnios de Momo, os limites entre o que é aceito e o que é probido pela sociedade se diluem. "Esse pode ser um jogo perigoso para os jovens", avalia Marilene. "Vivendo em geral uma crise de identidade, eles podem se envolver em situações de risco com conseqüências lamentáveis, como o vício com drogas e a AIDS", diz..

De acordo com Marilene, no entanto, a preocupação com a excessiva liberdade destes três dias (há capitais, como Salvador, por exemplo, em que a festa se prolonga por toda uma semana) não é de hoje. "A licenciosidade do carnaval já incomodava a tradicional família paulistana do século passado", informa. De fato, como revela o historiador José Geraldo Vinci de Moraes, do Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista, unidade complementar da UNESP, com sede em São Vicente, no livro *Sonoridades paulistanas: final do século XIX ao início do século XX* (Funarte/Bienal, R$ 20,00) "em 1836, a Câmara de São Paulo considerou a festa 'um jogo que envergonhava o País perante os estrangeiros'". Para Moraes, no período estudado, os festejos na cidade incluíam desde batalhas de água à formação de ranchos, blocos e cordões. "Essas formas de festejar o carnaval se enquadram nas tradições dionisíacas do *kaos* e da inversão de valores, que permitem que o homem se torne mulher e o adulto assuma o papel de criança, e vice-versa", avalia.

BARREIRAS SOCIAIS

Segundo a historiadora Zélia Lopes da Silva, da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis, isso se confirma nos anos 20, quando as elites procuravam controlar melhor os espaços públicos considerados perigosos, como cortiços, "casas de tolerância", ou prostíbulos, e os bairros populares. "Porém, a insistência das lideranças negras, graças ao contato amiúde com os chefes de polícia, foi alargando as fronteiras do consentido", diz a docente.

Apesar desse "alargamento", segundo o professor Ikeda, o carnaval ainda não conseguiu derrubar barreiras sociais. Ele argumenta que, enquanto a passarela do samba carioca abriga milhares de turistas estrangeiros e brasileiros, do lado de fora circula uma população muito maior. "Permanece lá durante a noite toda e se contenta apenas em ouvir o canto daqueles que desfilam", diz. "Presenciei isso em 1996. Em torno do sambódromo, a multidão circulava, espremida, sem destino aparente, em meio ao forte cheiro de urina e do lixo acumulado. Praticamente não se conseguia andar no local."

Apesar dessas diferenças sociais, para a psicóloga Marilene o carnaval tem favorecido a busca étnica e o fortalecimento da identidade do povo. "Ele fornece espaço nos desfiles para temas que ilustram e cultuam figuras míticas da cultura nacional", avalia. A festa teria ainda uma importante função econômica. "É o ciclo festivo-profano mais importante e dinâmico do Brasil, gerando intensa movimentação turística nacional e internacional e mobilizando uma economia própria de milhões de dólares", conclui Ikeda, um nissei que, inspirado por Dioniso, Baco e Momo, mostra que, além de serem bons da cabeça, os pesquisadores do samba podem ser saudáveis dos pés.

Oscar D'Ambrosio

Mestres da sonoridade

Mostrar a diversidade de sons e instrumentos da cultura popular, possibilitando o contato com diversos timbres, ritmos, folguedos e danças. Com esse objetivo, o etnomusicólogo Alberto Ikeda idealizou a exposição "Brasil: sons e instrumentos populares", aberta à visitação no Museu de Folclore Edison Carneiro, no Rio de Janeiro, até 29 de março. "Realizamos a mesma exposição, no ano passado, no Instituto Cultural Itaú, em São Paulo, com grande sucesso. O objetivo é levá-la por todo o Brasil e para o Exterior", diz o pesquisador.

A exposição, já vista por cerca de 35 mil pessoas, mostra instrumentos utilizados em manifestações populares, como os moçambiques, os caboclos, o bumba-meu-boi e as folias. São ainda exibidos 19 curtas-metragens, que enfocam desde o maracatu a Hermeto Paschoal. "O visitante tem acesso a uma verdadeira ecologia sonora", diz Ikeda. "Afinal, por trás de cada instrumento musical folclórico existe sempre uma história comunitária, um músico, um artesão, um mestre."

(O.D.)

Exposição: ecologia sonora

Divulgação